TERRITÓRIO BAIXADA

E SUAS ESCRITAS ANCESTRAIS: CARTAS DE BRASILIDADE AO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

TERRITÓRIO
BAIXADA
E SUAS
ESCRITAS ANCESTRAIS:
CARTAS DE BRASILIDADE
AO BICENTENÁRIO DA
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

FICHA TÉCNICA / PUBLICAÇÃO

Pesquisa e Organização
Danielle Francisco

Orientação de Pesquisa
Adriana Batalha

Produção Executiva e de Campo
Tatiane Pereira

Produção Audiovisual
Laís Dantas

Registro Fotográfico
Mazé Mixo

Transcrição
Luandeh Chagas
Léo Silva

Revisão Gramatical
Sammy Cardoso

Projeto Gráfico
Marcos Corrêa

REALIZAÇÃO
TERREIRO DE IDEIAS

PATROCÍNIO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

/territoriobaixada

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

AS GIRAS DE UM TERREIRO DE IDEIAS 13

TERRITÓRIO BAIXADA: UM ELOGIO ÀS ORIGENS 15

TERRITÓRIO BAIXADA E SUAS ESCRITAS ANCESTRAIS: CARTAS DE BRASILIDADE AO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL 20

CARTA CURATORIAL 22

CARTAS DE BRASILIDADE: QUEM TECE NOSSOS ESCRITOS 25

- FLORIPES CORREIA DA SILVA GOMES OU MAM'ETU MABEJI 27
- LUIZ ANGELO DA SILVA OU BANGBALA 37
- IYÁ DOYA 43
- MARIZE PARA RETÉ 57
- MAM'ETU ITAMARA 61
- BABALORIXÁ ADAILTON 65
- CACIQUE TUKANO 71
- ANA KARIRI 75
- ELLE SEMOG 83
- MARCOS SERRA 93
- OBALERA 107
- TABAJARA 115
- PACARI PATAXÓ 125
- PAULÃO KIKONGO 133
- SILENE RIBEIRO 147
- IYÁ MARLI 155

IMAGENS DO NOSSO QUINTAL 160

MINIBIOS ARTISTAS CRIADORES 162

MINIBIOS CRIADORES DE OUTROS MUNDOS 173

FICHA TÉCNICA TERRITÓRIO BAIXADA 2021 188

APRESENTAÇÃO

Nós criamos o povo brasileiro!

Marize Para Reté

Ao desenharmos esse projeto nosso sentimento se move no sentido de garantirmos continuidade e registro da memória do Território Baixada, esse projeto inédito de encontros entre artistas, coletivos, pesquisadores e produtores culturais que refletem os processos criativos da Baixada Fluminense e cuja primeira edição se deu em 2014, a segunda em 2015 e a terceira em 2021.

Assim nessa proposta habita o desejo da criação de um livro digital, disponibilizado gratuitamente para download nas redes do projeto e de pequenos vídeos gerados pelas entrevistas, dando vida a uma espécie de inventário que precisa salvaguardar os saberes velhos, erguidos pelos séculos na Baixada Fluminense.

"Território Baixada e suas Escritas Ancestrais: Cartas de Brasilidade ao Bicentenário da Independência do Brasil" nasce, assim, do afeto de criarmos uma obra que contribua para a escuta e para a fala, sobretudo, das mestras e mestres

de nossas culturas tradicionais. A equipe multidisciplinar que o compõe, o pensa e o assina coletivamente cuidou de cada detalhe dessa pesquisa para que você tenha uma leitura não só necessária para a ampliação do seu olhar acerca desse mapa, quanto para a valorização dessa memória – ancestral, preta, indígena, encantada e resistente.

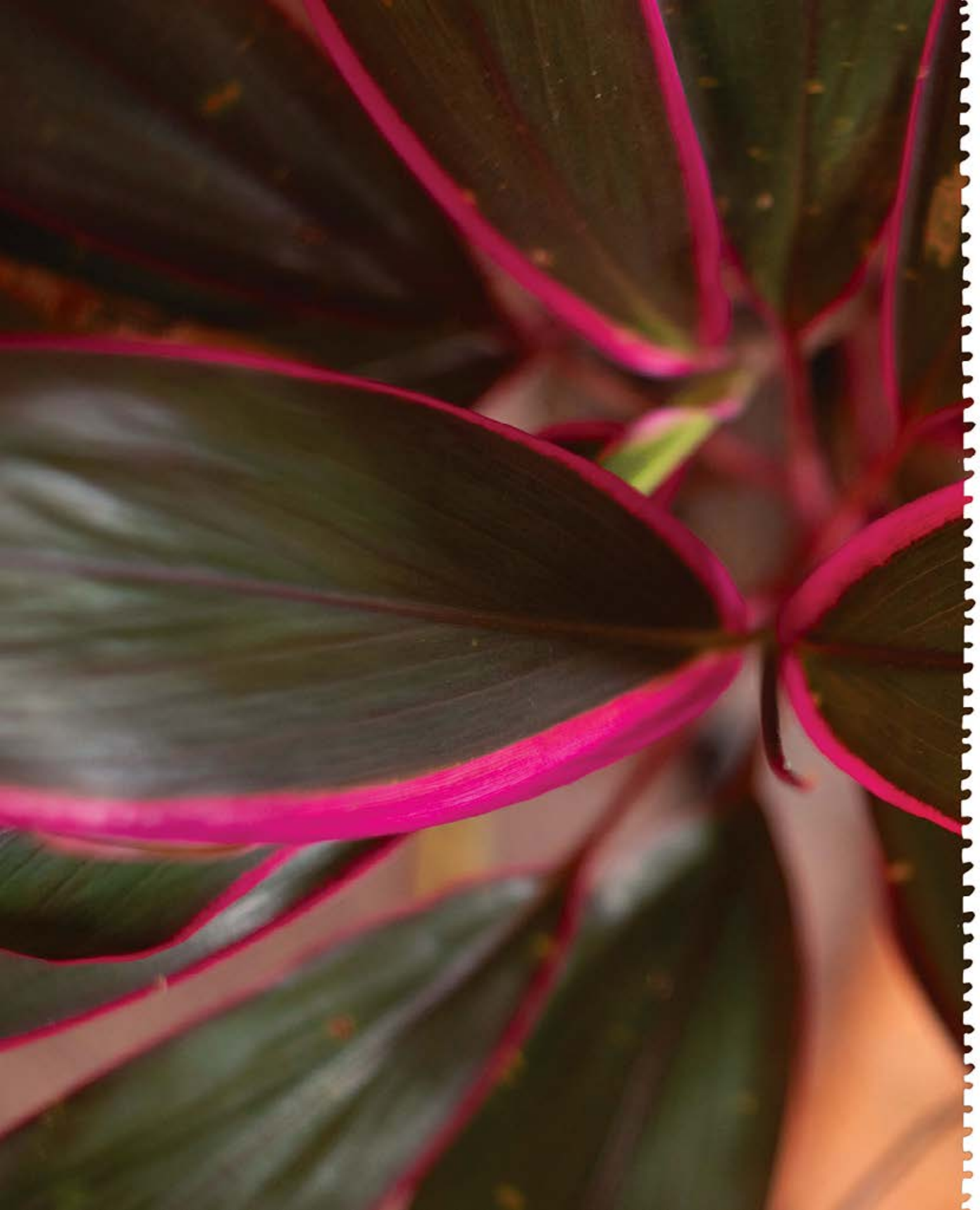
Essa Baixada é linda, é muito feminina, artesanal, miúda, mágica. É cabocla, feiticeira, exusíaca, exalta Tupã. Essa Baixada é a da tradição. Lembra sua bisa, sua avó, sua mãe. Lembra dos seus sonhos mais acriançados. Essa Baixada é sábia. E muito poderosa.

AS GIRAS DE UM TERREIRO DE IDEIAS

Criada em 2008, em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, a Terreiro de Ideias investe em valores como criatividade e colaboração coletiva, priorizando o planejamento, a gestão e a execução de projetos em dança, cinema, teatro, música, artes integradas, artes visuais, eventos festivos e culturas tradicionais. Desenvolve ações que integram o território às artes, privilegiando projetos que contribuam para um mundo melhor, com mais fruição estética e capacidade criadora. Atua com formatação e acompanhamento de projetos para editais e leis de incentivo, conceituação e execução de oficinas culturais e de comunicação, ações autorais que privilegiam os artistas e os agentes culturais da região, colaborando para a cena local que já é, historicamente, genuína e pulsante.

Nesses 15 anos de realizações ininterruptas assinamos mais de 70 iniciativas nos campos da Educação, da Arte e da Comunicação, alcançando clientes, parceiros e públicos diversos dentro e fora do estado do Rio <3

Para saber mais, acesse **terreirodeideias.com.br**



TERRITÓRIO BAIXADA: UM ELOGIO ÀS ORIGENS

Idealizado e concebido pela Terreiro de Ideias: Arte, Comunicação, Cultura o projeto Território Baixada é um ciclo de encontros entre artistas, coletivos, pesquisadores e produtores em torno de encontros, debates, laboratórios e apresentações artísticas que refletem os processos culturais e criativos da Baixada Fluminense. Conecta as redes, as obras e as produções de pensamento desse mapa territorial e afetivo com ênfase no fortalecimento dos trânsitos entre os municípios que compõem essa grande e importante região do Rio metropolitano.

Em sua estreia, em 2014, apresentou um panorama luxuoso da criação e da recente produção cultural do território através da trajetória de diferentes grupos, artistas e produtores cujas realizações são de relevância para as políticas culturais e para a cena criativa da Baixada Fluminense.

A exposição Percursos da Resistência: TV Maxambomba, Imaginário Periférico e Desmaio Públiko homenageou as trajetórias desses grupos através de imagens, obras e objetos pessoais dos artistas, celebrando o 30 de abril, o Dia da Baixada Fluminense e marcando a abertura do projeto. Em sequência

reuniu, no primeiro debate intitulado Mapa-Mundi Daqui: Rotas que Inspiram, integrantes desses coletivos que contaram suas singularidades, desafios e estratégias de invenção em comum. Mauro Costa, professor e pesquisador da Febf/UERJ, mediou o papo e ao final, Ronald Duarte levou o público para a rua e realizou sua intervenção Mandala.

Em 2015 a curadoria homenageou o Centro Cultural Donana com uma exposição montada in loco, intitulada Percursos e Trânsitos: Viva Donana! e realizou de abril a julho nove encontros com entre agentes e artistas experientes, cujas realizações são de relevância para a geografia simbólica, econômica e política do território a partir de categorias artísticas como Patrimônio Cultural e Memória, Cultura e Arte Digital, Arte Urbana, Artes Cênicas, Produção Literária e de Saraus, entre outros, culminando com o encontro com a Secretária Nacional de Cidadania e Diversidade Cultural do MinC, Ivana Bentes, à época à frente da pasta. Provocada pelo projeto, essa cena pulsante ganhou maior visibilidade e gerou impactos significativos, como a ampla e positiva reportagem de capa no Segundo Caderno do jornal O Globo, que chamou a atenção em nível nacional para a produção local emergente sob a manchete “Baixada em Alta”.

As edições realizadas contaram com parceiros como o SESI Rio, as Prefeituras Municipais de Nilópolis e Duque de Caxias, o IFRJ Nilópolis - curso de Produção Cultural, Casa Fluminense e Rede Globo. Contamos com um público de mais de mil espectadores, com a participação de 77 realizadores da região e 19 apresentações artísticas. Foram realizadas duas exposições em homenagem a trajetórias de coletivos artísticos da região. Na versão apresentada em 2021 os três dias de programação foram voltados aos saberes e às culturas tradicionais a partir do tema ”Eu reinvento outros mundos”. Acreditamos ser central contribuir com a emergência de novas pautas sobre a cultura local, assim como nas edições anteriores. Registrar essa memória viva, a partir de interlocutores que, na maioria das vezes, estão na invisibilidade e na margem das discussões sobre cultura e arte, foi o que nos motivou a gerar espaço para a escuta e a salvaguarda dos fazeres e saberes de tantas guardiãs e guardiões desse amálgama erguido pelos séculos e que até hoje, na maior parte das vezes, é desconhecido do grande público.

O projeto ofereceu acesso inteiramente gratuito e convocou todo o público interessado no universo da nossa cultura tradicional e popular a mergulhar com a gente nesse ciclo de tantas conversas, ideias, partilhas e inspirações para a

reinvenção desse – e de outros mundos. Saravá, nossa banda! Chegamos devagarinho e apresentamos uma programação lindona, através do mundo virtual, considerando as configurações impostas pela pandemia do Covid-19.

Esse é um desejo: unir, todas as vezes, no Território Baixada, reflexão e conhecimento à fruição artística, contando com muita arte, festa, manifestações simbólicas e as expressões mais genuínas da Baixada, do estado do Rio, e claro, essencialmente brasileiras, de um Brasil profundo e tão ainda silenciado. É por essa independência que almejamos e lutamos, todos os dias.

Veja o vídeo do projeto

www.youtube.com/watch?v=F6IxqwlaP0I

TERRITÓRIO BAIXADA

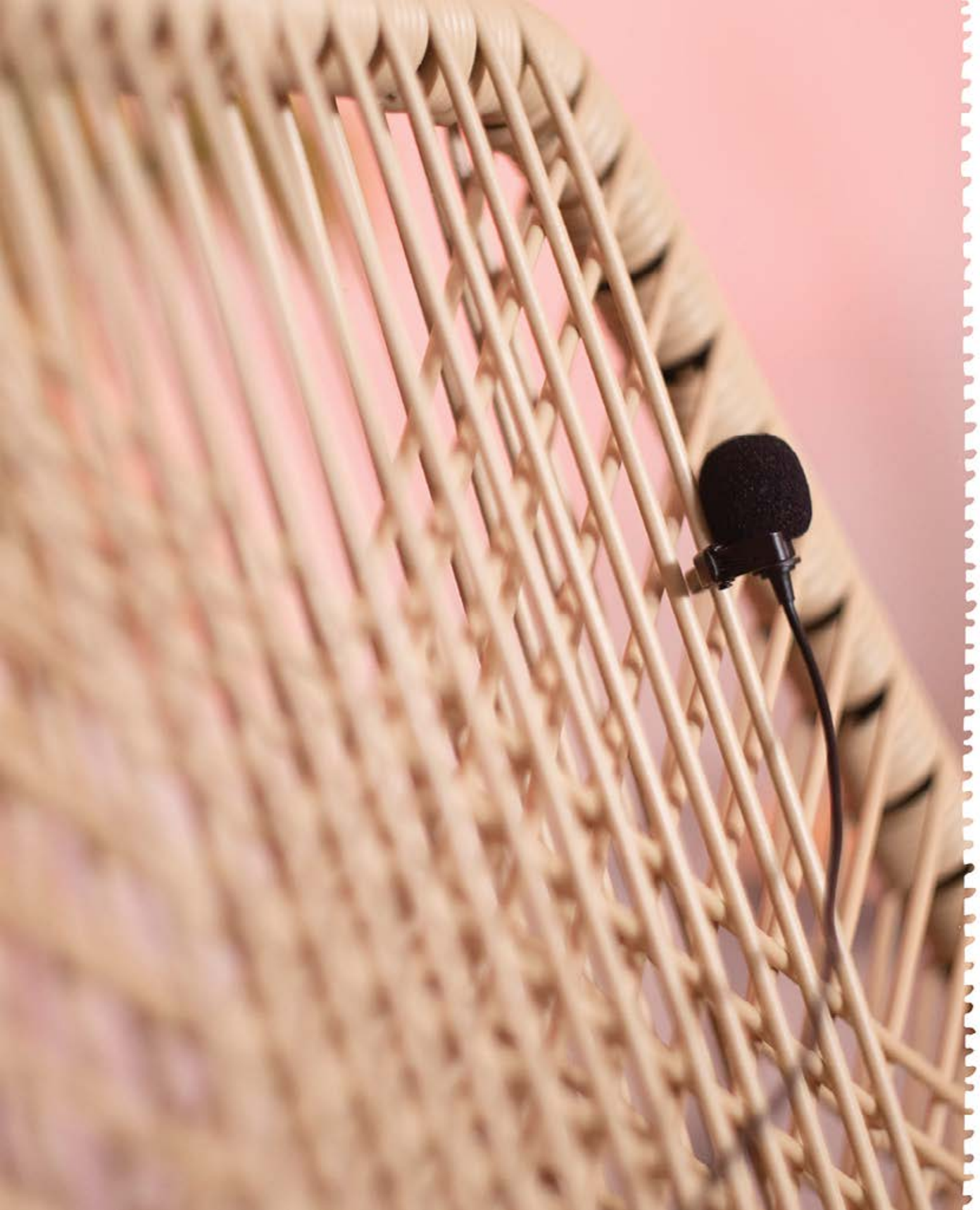
E SUAS ESCRITAS ANCESTRAIS: CARTAS DE BRASILIDADE AO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

CARTA CURATORIAL

A ideia dessa obra girou em torno do desenho temático e das diversas vozes e falas dos participantes da terceira edição do Território Baixada que aconteceu no ano de 2021 através do Edital de Chamada Emergencial de Premiação do Retomada Cultural 1|RJ através da secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro. O programa disparou a seguinte flecha: “Eu Reinvento Outros Mundos”.
Nessa estrada, promoveu debates e intercâmbios entre trajetórias que sugerem outras significações de nossa gente e de nosso chão, por meio de um panorama da produção simbólica e cultural de yialorixás e babalorixás, artistas populares, xamãs, caciques, pensadores, agentes criativos entre outros atores e atrizes sociais que residem e|ou atuam na região, além de integrarem a vasta rede do patrimônio imaterial desse território. Foram muitos os corpos, as lutas e as obras que compartilharam conosco suas gramáticas não-normativas operantes na e a partir da Baixada Fluminense com seus saberes e fazeres ancestrais de cura, festa, arte, religiosidade, educação, criação. Foi de uma beleza ímpar.

Pós-produzido, pensamos e avaliamos ser urgente documentar na linguagem escrita e no suporte literário e hipermidiático, em formato de ebook, relatos desses convidados de 2021, cujas falas já foram filmadas mas que não entraram nos cortes finais dos minidocs, além de contarmos com outros sujeitos que representam a memória viva desse legado a partir de suas “cartas de brasilidade” endereçadas ao bicentenário da Independência do Brasil, tecendo uma reinterpretação contemporânea e criativa sobre o fato através de suas histórias e sobretudo, reivindicações de vida por direitos, justiça, dignidade e amor.
Curumins, jovens, adultos e anciãos, povos de terreiro, povos indígenas, trabalhadores do encantamento, dos ebós, criadores de outras realidades, pontos de culturas, estudantes, professores, mestras e mestres, pesquisadores, artistas, capoeiristas: os ancestrais tecem suas cartas através dos corpos, das narrativas, das linguagens, das belezas de vocês!

Viva o nosso Brasil!



CARTAS DE BRASILIDADE: QUEM TECE NOSSOS ESCRITOS

Lideranças espirituais, artistas populares, pesquisadores, entre outros agentes representativos das nossas ancestralidades indígenas, africanas e afro-brasileiras, cujas trajetórias, de incansáveis lutas, escreveram uma história da Baixada Fluminense que a gente não acessa com facilidade: é necessário essa escavação das memórias, não só para enxergarmos o ontem, mas sobretudo insistir no hoje mirando os novos mundos que somos capazes de erguer a partir de nossas heranças – espirituais, históricas, ancestrais, culturais.

É a esse imenso legado que pedimos à bença e humildemente apresentamos essas narrativas que respeitam e honram o modo oral como foram transmitidas. Celebramos as poéticas, as belezas, as sabedorias, as riquezas dos donos desse território, desde sempre!

Viva a cultura tradicional da nossa Baixada, do Brasil de verdade, da gente simples e iluminada que pede passagem na invenção, na ginga, na raça e na raiva que insiste no direito à vida e à reinvenção desse mundo.

Remetente **FLORIPES CORREIA DA SILVA GOMES OU MAM'ETU MABEJI**

Eu sou Mam'etu Mabeji, nascida em Salvador, e vim de Salvador com 10 anos de idade. E vim para o Bate Folha, aqui do Rio de Janeiro. Tenho isso em 1946. Em 47 fui iniciada para o Nkisi Nsumbu, com meu pai de santo, João Corrêa de Mello, Tatá Lessengue.

Eu sou do bairro da Fazenda Grande, em Salvador, viu? E vim, fiz o santo. Meu pai de santo faleceu em 1970. Em 1972, eu fiquei com o cargo da casa. Estou no cargo até hoje. Me criei dentro do candomblé, aqui no Rio. Eu nasci no bairro da Liberdade, mas eu fui criada ali em São Caetano. Primeiro morei no Retiro, depois fui para São Caetano. E ali tinha muito candomblé por perto. Eu morava dentro de um, que era da minha tia. Era irmã do meu pai de santo, mas ela também tinha a casa de santo, que ela era filha de santo, do seu Joãozinho da Goméia. Conheci ele aos 8 anos. Foi quando a minha tia se iniciou na casa dele. E nós morávamos muito perto. Aí toda a festa que tinha lá ia. A festa de Iansã, a festa de Oxossi, a festa de Pedra Preta, né? Ia para lá. E quando minha tia fez o santo, eu estava sempre lá com ela. Ele falava até que ia fazer o meu santo, mas não houve essa

oportunidade que o meu pai de santo foi à Bahia e me trouxe. Mas lá na Bahia eu brinquei muito, assim como qualquer criança, brincar de roda, brincar de culo, como é na Bahia. E a minha infância foi muito boa, gostosa. Assim, pobre, mas nunca passei fome, graças a Deus. Mas era aquela vida de pobre mesmo. Aí meu pai de santo, como tinha mais um recurso, chegou em Salvador, falou com a minha mãe, que era irmã dele, que ia me trazer. Ela deixou. Ele disse, dois anos depois, depois eu levo você, bizoca. Ele disse, tá bom. Dois anos depois ele mandou buscar ela. Mas ela não levou muito tempo. Levou só três meses no Rio de Janeiro e faleceu. Mas quando ela chegou, já era iniciada.

Quando eu fiz, casei com 20 anos. Aí foi quando eu fui morar em Madureira. Mas estava sempre na roça, nas obrigações, na casa. Aí eu tive meus filhos, com 21 eu tive o meu mais velho. Eu tive quatro filhos e tenho 11 netos. Em 72 assumi o sacerdócio da casa. Ele faleceu em 70. Eu não queria, né? Não queria pegar esse cargo. Se eu fosse escolher, não seria uma Mam'etu porque é muita responsabilidade. Você sabe que ser um Mam'etu, uma Ialorixá, você sabe que é muito... Além da responsabilidade, sei lá, tem muitas coisinhas que não dá. Mas não teve jeito, não teve. Não teve porque Oxalá antes falou para a Ekedi da casa que ele ia cufar, mas não ia ser mandado. Ele ia na hora dele. E quem ia ficar no cargo seria eu. É, seria eu que ia ficar no cargo. Aí ensinou tudo que tinha que fazer, aquela coisa. E isso foi numa quinta-feira. Aí passou. E que no princípio da semana ele ia cufar. Realmente, passou quinta, sexta, sábado, domingo, segunda e terça-feira ele faleceu. Aí quando ele faleceu e tal, teve os mucondos. E quando chegou na hora certa, é uma vigéla aqui.

E aí, eu fiquei com muito medo, porque ele sempre contava que tinha um pai de santo na de Salvador, que o rapaz que ia ficar na casa, não quis ficar com o cargo. E o rapaz na Bahia. O meu pai de santo contava esse caso sempre pra mim. Que o menino não queria ficar no cargo que o pai de santo tinha deixado. Aí quando o pai de santo morreu, que se colocou pra ele, ele não quis aí ele faleceu. Aí eu digo, se eu não ficar, eu vou também, eu não quero morrer. Aí não teve jeito. Aí eu falei, não, eu fico... Aí estou no cargo até hoje, já vou fazer 50 anos, se Deus quiser. Esse ano eu faço 49 anos, de junho, de cargo. E tenho 74 de iniciada.

Não saio (tarde da noite) e não gosto quando os meus quando estão na roça, que fica saindo tarde da noite. Daqui. Mas antigamente dava para sair? Dava. Saía com os colares. Eu não sei se você conheceu a Ibama e Bida, a Ibama e Damiana, elas vendiam e andavam na rua só de Baiana. Elas andavam de Baiana, se elas vinham para o candomblé, já vinham já de

Baiana. E era muito tranquila. Tranquila, pegava trem, vinha daquele jeito, não vinha de carro, não, de trem. E chegava já de Baiana, já paramentada. Hoje você não pode fazer isso. Porque se você fizer isso, é tão arriscado, jogam pedra! E quem que está aí para isso? Ninguém está para isso.

Em Salvador é nossa raiz. Funciona aqui, eles tocam lá o candomblé dele lá e nós aqui. Aí o caso é esse, mas é verdade. Quando é preciso, assim, quando tem a necessidade da gente lá, nós vamos lá, sim. Porque o meu pai de santo fez o santo lá. Tanto é que lá é... Aqui é Cupa Pansaba. E lá é... Eu peço que... Banso banduquenqué. Entendeu? Nós saímos de lá do banso banduquenque. O pessoal chama bate-folha da Bahia, bate-folha do Rio de Janeiro. Entendeu?

Mas eu me dou muito bem com o pessoal de lá, nos meus 70 anos de santo eles vieram pra cá, o pessoal da Bahia e tudo, e nos 100 anos lá da casa eu fui com meus filhos, e assim procede o caminho, vamos procedendo assim, precisa ir lá, nós vamos, quando ele precisa ir? Maravilha. Queria muito perguntar pra senhora que o candomblé Angola é o candomblé banto. Banto. E o povo banto, é o povo preto que chegou aqui primeiro. Sim, isso aí, isso mesmo, né? E aí a gente tem, na verdade, toda uma língua. O idioma português, que tem toda uma interferência. É, o banto fala muito o quimbundo e o quicongo, né? E a nossa língua portuguesa carrega muito do português. Isso, também, porque tem muitas palavras em português que é banto, que é quicongo, né? E o Candomblé Banto, ele não ser assim tão difundido como o Candomblé Nagô, por exemplo, que foi o povo que chegou bem depois. Bem depois. É porque tem muito poucos, né? Eu acho que é porque se perdeu muitas coisas do pessoal banto, muita coisa foi perdida.

O Ketu, quando chegou aqui, eu acho que propagou mais, né? Você vê que tem mais Ketu do que Angola. E quando tem muitos Angolas também que você vai, você fala. Fica indeciso. Se é Angola ou se é Caboclo. É, mas é verdade.

Nunca fui na casa do Seu João. Me lembro que eu fui na casa do Zassi, numa festa, aqui em Olinda, e encontrei o Seu João lá. Aí eu me dei a conhecer, porque aí eu já estava já casada e tudo. Aí ele me abraçou, lembrou, eu falei que ele era filho da minha tia, né? Sobrinha da minha tia, Thalembe. Aí ele me abraçou. Ai, vai lá em casa e tal. Mas nunca tive oportunidade aqui no Rio, não. Na Bahia foi muito. Lá eu dancei candomblé, muito assim de dia, né? As garotadas fazendo... Como ficam nas casas de candomblé as crianças imitando os adultos, eu também fazia isso tudo.

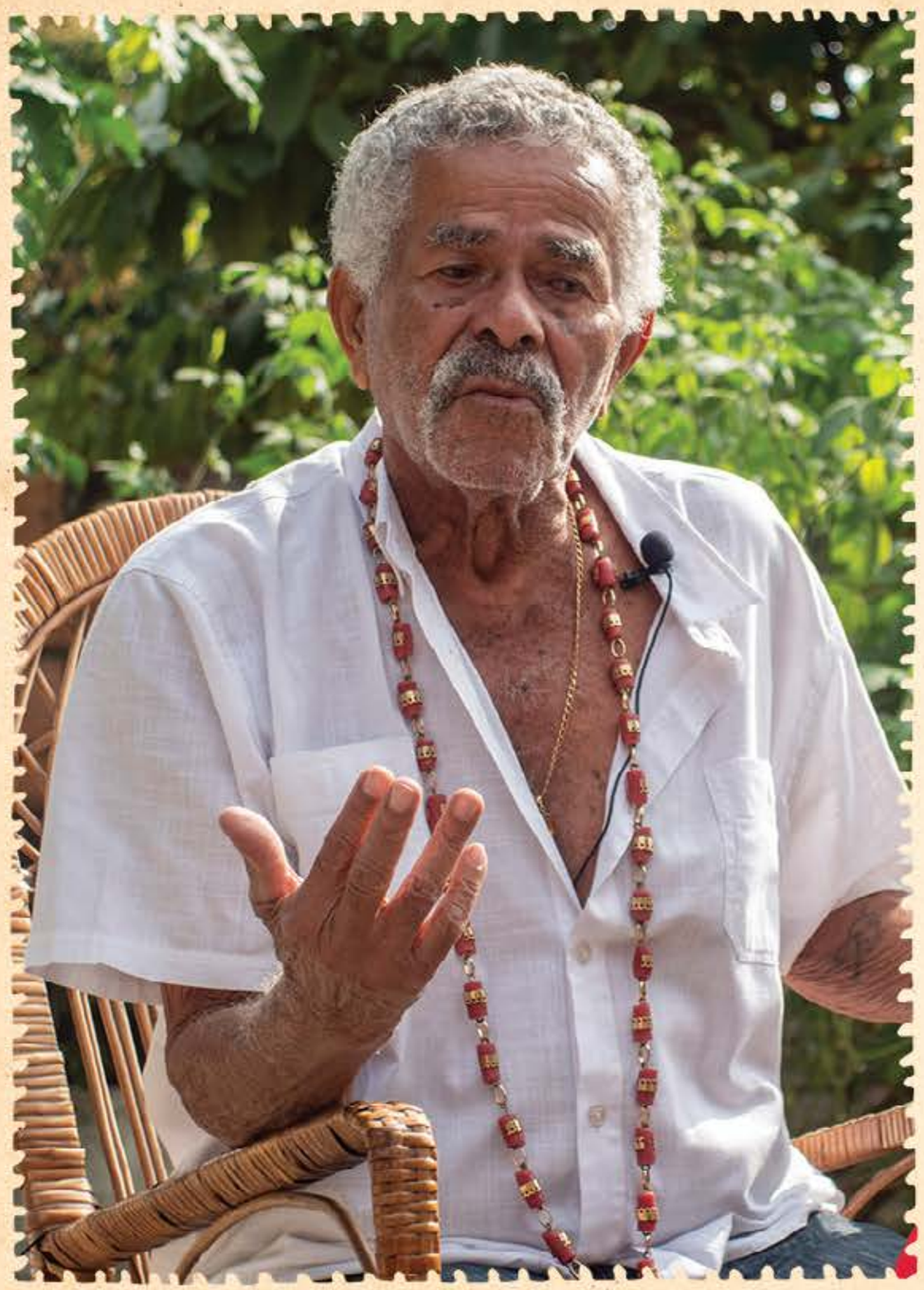
É muito bonito a vida das crianças dentro do Candomblé,

porque eles vêem os adultos, né? Eles querem fazer tudo que os adultos fazem. Dança o Candomblé, imita o santo, faz tudo isso eu fazia também. Não era besta nem nada. Mãe, é um ato de educação para as crianças? Eu falo também quanto à mãe. Sim. Um ato de educação para as crianças dentro de um terreiro de Candomblé. Sim, eu acho que é válido, né? Crianças que é dentro do Candomblé, eles têm que estudar ali também, né? As cantigas, saber dançar, saber cantar, acho bonito. E estudar também fora, que também tudo é válido.

Eu acho que tem que ser, não é porque é do candomblé que não vai estudar, né? Tem que estudar. Mas dentro do candomblé também vai estudar ali, tanto isso que muita criança de candomblé ele sabe cantar, sabe rezar, sabe dançar, porque ele já vem já naquele ritmo. Tem criança que é melhor, até de que adulto aí pra fazer as coisas e dançar e tudo. Nós temos. É verdade, nós temos um Oganzinho aqui que ele olha, toca muito, tem que ver. Eu sei como é que são. Isso que eu digo, não precisa pra ser amigo, não precisa estar todo dia na casa daquela pessoa. Mas a falecida Beata era assim uma irmã, não estava todo dia na casa dela, eu ia uma vez ou outra nas festas. Mas quando a gente se encontrava, ela era aquele carinho, aquela coisa gostosa. Assim como eu tenho com a meninazinha d' Oxum, Regina do Opô Afonjá, tinha com a falecida Palmira, aquele pessoal antigo, todo. Era todo muito conhecido, eu tinha muito achego com essas pessoas. Mas era assim, não tinha vento na casa dele todo dia, mas eu ia às festas e quando a gente se encontrava era aquela coisa gostosa. Amizade, carinho. Amizade, carinho. Até hoje eu sinto muita falta assim. Quando eu vejo o DVD que eu vejo Beata falar, Mabeji, minha irmã. É uma coisa linda. Linda, linda, linda. Essa integração é importantíssima, né? Muito. Para nós do Candomblé. E aquilo a gente nunca esquece, né? Nunca esquece. Que coisa boa. E hoje eu gosto muito do Adailton, né? O pessoal lá, da Ivete, da... Da Vila de Ombro. Gosto muito deles. Estamos sempre no celular. A admiração é recíproca. Com certeza. Eu tenho muita gente boa, assim, que gosta de mim. Eu acho que o pessoal do candomblé tem que se unir mesmo. Que é pra poder esse legado ficar bom porque do jeito que está, eu tô achando um pouco difícil. Só não é impossível. Nada é impossível. Nada, pra Deus nada é impossível. Por que? Muita idade, né? Aí a gente fica assim, aí chega um abraço, aquele beijo como sempre, a gente fez aquele aconchego, né? Hoje tá difícil você fazer isso. Apesar que eu já me vacinei duas vezes, e mais eu fico com medo. Ainda! Não é? Ah, eu ainda fico assim mesmo, mas eu não faço nada. Não sei,

assim uma coisa, quer dizer, não vou dizer que a casa vai ficar sem a gente botar nossos fuxicos, né? Mas é assim, restrito, é. Não é nada mais, nada menos que uma responsabilidade muito grande, porque você tem responsabilidade na cabeça das pessoas, tem responsabilidade com a casa, responsabilidade com tudo ali dentro. Então, não quero botar nem a minha vida, nem a dos outros em risco, e aí fica de pé.

O conselho que eu dou aos mais novos é que eles sejam sempre um bom filho, né? Sempre um bom filho para os seus pais de Santos e para a casa do Santos, que eles tenham sempre aquela boa vontade, sejam unidos com seus irmãos e respeitem os seus mais velhos, que isso é muito importante. Você respeitar os seus mais velhos. Você respeitar não está tudo bom porque eu respeito é tudo. Obrigada!



Remetente **LUIZ ANGELO DA SILVA OU BANGBALA**

Meu apelido é Luiz Angelo da Silva.

Nascido em 21 de junho de 1929. Mas fizeram uma coisa lá que eu fui registrado nove anos depois de nascido. Luís ngelo da Silva, 21 de julho de 1929, data de nascimento 21 de julho de 1919. Mais conhecido como “entre parênteses” Bangbala, é o nome que me puseram.

Segundo eles, significa padre ou sacerdote. Um fala que é isso, outro que é aquilo. O santo foi que deu esse nome: Bangbala. B A N G BA L A . Eles escrevem Bangbala como escreve Exu. Sou soteropolitano e carioca. Já tenho mais amigos carioca do que baiano. Eu chego na Bahia e ninguém me conhece mais. Eu já sou mais conhecido no Rio do que na Bahia.

Essa religião minha fez eu ficar conhecido. Já andei no Brasil quase todo: Porto Alegre, Santa Catarina, Belém do Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Alagoas, Sergipe.

O pessoal tem a mania de quando nasce, quando nasce o filho em Salvador. Os pais vão para o calendário ver. Nasce a pessoa, a pessoa vai correndo para a folia para conhecer o santo. Por isso que Luiz. Dia 21 de junho, dia de São Luís. O João era João,

que nasceu no dia de São João, o do meio Argemiro era o dia de Santo Argemiro, mas não tem o Santo Argemiro!

Eu estudei em colégio do governo, nunca vi falado do meu corpo que essa a irmã Dulce dava aula de catecismo no colégio que eu estudei na Vila América. Ela orquestrava um hospital que tem no caminho de Amaralina, antes de chegar no quartel. Ela era quem mandava lá e agora é uma Santa.

Eu conheci a irmã Dulce enquanto era freira, tenho lembrança disso. Queria estar começando agora. Quando a pessoa vai ficando velha, vai se avizinhando a morte. Queria estar começando agora. Era bom pra caramba o meu tempo de novo.

Eu sou comendador né?! Foi no Palácio, em Brasília. Porque eu fui convidado para ir, foi eu, Eni, Anderson. Vai para o Palácio, tudo bem, fomos de carro, fomos de ônibus… Na hora fomos para o Palácio e dona Dilma foi que veio na hora e me deu a medalha. Dona Dilma… Eu estive em Porto Alegre há pouco tempo. E não fui na casa dela. Quando for a Porto Alegre agora, vou lá na casa de Dilma. Me abraçou, me abraçou e me deu a medalha. De leve! Até hoje eu fico impressionado. Porque não sei se é ouro 18 quilates ou se é ouro verdadeiro, né?

O meu recado para essa juventude que nos acompanha, que faz parte da nossa religião, é para capricharembonitinho, seguir bonitinho, para dar inveja neles, que o povo do candomblé, não agravando a todos, tem um montão de gente que zoa do candomblé. Para sabe como é que é? Não dá valor. Tem de valorizar! Ser santo na casa porque é o mesmo que a sua casa. A sua casa de santo é a mesma coisa que a sua casa, mas tem que correr atrás. A gente morre velho e não aprende tudo porque tem um montão de coisas. Você morre velho e aprendendo. Em cada casa tem o rosário, na casa deles a gente canta a moda deles. Na nossa casa nós cantamos a nossa moda. O pé no chão, a unidade, né?

É, claro. O candomblé, a tradição. Entende? Ele não sabe, pede para ele ensinar, mas também tem uma coisa, eu tenho, desde o meu tempo, se você não tivesse força de vontade, se não aprendia mesmo não, que tinha pessoas, se você estivesse fazendo qualquer coisa, você chegava e parava para você não aprender. Tinha muito isso. E morreram, levaram tudo consigo. É isso, é assim. E nós agradecemos.

Brahma do Vasco. Com o escudo do Vasco só vamos caindo. Só vamos caindo? Nós, nós. Você também? Vasco, quando Flamenguista chegar na sua frente... Sou Flamengo. Tudo bem? Sabe você? Vou falar de futebol com você. Estás não? Contação, sou Flamengo e você pergunta ele... Onde é o estádio do Flamengo? Não tem.

Eu levo na minha sala de troféus. Não tem. Ele não se distrai do estado de troféu. É, Luan? Não tem. Não tem. Não tem. Joga no Maracanã. Ele nem toma conta, paga. Paga aquilo. Paga. O São Januário é mais velho do que o Maracanã.

E foi em 1950 a inauguração...

O Brasil ganhou de 1 a 0, deram o mole, Gija e o Uruguai fizeram dois gols, viraram o jogo, nós não fomos campeões em 1950, no caso disso, ganhamos de 1 a 0, perdemos por 2 a 1. Júgia e Obidúlio Varela fizeram os dois gols. Depois passamos para o campeonato. O Botafogo é outro Cristo, esse não pode falar com a gente também não. O único time que tem campo no Rio é o Vasco.

O primeiro CD que eu gravei foi na gravadora. E depois... a pessoa pedia, quando pedia eu gravava, quando pedia eu gravava.

Terreiro é bom. Porque a situação não está boa para ninguém, não é todo mundo que está com dinheiro para comprar um lugar, aí faz pequenininho, com ideia de mais para frente ir crescendo. Isso aí é de época. Eu tocava Candomblé em Salvador, na cidade baixa, três casas depois da Igreja de Nossa Senhora da Concessora.

Uma pessoa que se candidata pra ir pra lá, pra dar ordem também porque eles não querem, não vêm pois a maior parte deles são evangélicos, não é? Não tem lá um presidente que seja candomblecista.

Tem que botar um negão, a gente, lá dentro, tem que pegar uma turma aí e ele eleger para valorizar esse negócio. Tem isso. Tem outra coisa também. Candomblé tem arte, né? A gente não pode falar muito, mas nós temos mais ritmo que os próprios africanos. Eles lá tocam diferente também, claro. Então nós temos muitos ritmos, muitos toques. Muito som.

Remetente **IYÁ DOYA**

Tem uma importância muito grande dentro do Candomblé: nada se perde - principalmente os bichos que são ofertados aos orixás. A gente tira as partes que são usadas, oferecidas para o orixá e as carnes que ficam são todas aproveitadas, tanto para dentro do Candomblé mesmo, como para o Axé, e para também, muitas das vezes, a gente distribuir para a comunidade. Então nada se perde.

Falando, por exemplo, no quiabo. E nada mais do que propício para o momento que a gente está passando porque Xangô é o senhor da justiça. E é o que a gente mais está precisando nos dias de hoje. Então essa é a comida, Amalá. Aqui é o Omolocum, aqui é o feijão fradinho cozido, escorrido, cozido na água com sal, escorrido. Essa comida é ofertada para o Oxum, a senhora deusa do amor, a dona do ouro e a senhora da fertilidade. É o omolocum para o orixá, vão outros complementos mas como essa comida vai ser para a gente comer, tanto o amalá quanto o omolocum, é ofertado o orixá, tem outros elementos que são incluídos.

Vai ser o nosso almoço hoje! Então, aqui é a farinha de mesa, crua, de preferência, que eu vou fazer o amiá, que é a farofa,

que faz parte do cardápio, vamos dizer assim, dos orixás. Aqui é a lubaça, a cebola, que é batida, sem água, porque ela já contém água, para o tempero de todas essas comidas. E aqui é o camarão defumado, seco ou seco, muitas das vezes não se encontra o camarão defumado, ele é catado, separado.
E aqui é a peça chave de todas as comidas. É o que não pode faltar num axé num ilé axé na preparação das comidas, que é o dendê. E também está inserido na maioria das comidas, na maioria das oferendas aos orixás. É uma peça muito importante que é esse dendê extraído do dendezeiro, da semente do dendê. Ele tem todo um processo para extrair o dendê.
Então, vamos começar a falar na preparação, colocando o dendê. Aqui eu vou colocar a cebola, agora entra o camarão. Tem pessoas que já colocam a cebola aqui dentro junto com o frango e o camarão e põe o dendê para esquentar e joga aqui dentro. Não está errado, é correto também fazer assim. Mas a minha forma de fazer é essa aqui. Agora o processo aqui é deixar esse frango aqui dentro do camarão com cebola até ele começar a refogar, tipo dando uma fritura. Se precisar colocar água, geralmente eu não coloco por conta da cebola que já contém muita água. Eu deixo ele aqui, aí ele vai fritando, vai secando.
A gente coloca o quiabo, coloca a cebola, o camarão seco e o dendê. Aqui é importante que a gente sempre esteja mexendo, que a gente sempre esteja mexendo com ele. E se for preciso, vai pingando água para o quiabo ir cozinhando.
Vamos lá, a gente sempre abaixa o fogo e vai cozinhando, às vezes não é preciso também colocar água por conta da cebola. Geralmente quando a gente faz essas comidas para servir à noite, dia de festa do barracão, a gente também procura fazer sem dendê, só com camarão, cebola e o azeite doce porque tem pessoas que não comem dendê. Aí a gente faz essa mesma comida sem Dendê para que as outras pessoas também comunguem junto conosco essa comida pro Orixá.
E tem outras comidas que a gente costuma fazer para servir à noite, como o vatapá, o acarajé, o abará. A gente pode também fazer sem dendê, para que as pessoas que não comem dendê também se deliciem com essas nossas comidas. Aí, o quiabo vai cozinhando, vai murchando. Aqui você tem que estar sempre mexendo. Muitas das vezes não é preciso colocar água nele, porque a própria baba que o quiabo tem e a cebola já fazem esse processo de cozimento. Agora eu vou passar para o omolocum. Quando ele está começando a fritar, a gente coloca o feijão aqui dentro, a cebola, o camarão, a maioria das comidas, seja elas para os ancestrais, para os orixás ou para a gente comer,

a maioria todas leva camarão seco. Aqui não vai mais água, isso aqui agora é o processo pro dendê, o camarão e a cebola incorporar no feijão fradinho.

O feijão fradinho também, ele tem uma grande importância pra gente de matrizes africanas, porque através do feijão fradinho se faz muita comida, tem uma diversidade de comida dentro do candomblé que são feitas com o feijão fradinho. E uma das mais conhecidas é o famoso acarajé e o abará, que é o feijão quebrado, lavado e depois processado no moinho ou no processador.

Tem pessoas que também fazem no liquidificador a massa do acarajé, não é errado, e se faz o abará e tem outras comidas dentro do candomblé feito com feijão fradinho para os orixás. Então a importância dele é muito grande do feijão fradinho dentro do candomblé. Agora aqui eu vou pingar assim um pouquinho de água para ele poder cozinhar, mas muito pouca, não precisa encher de água.

É muito importante que se prove a comida depois que se coloca o camarão porque às vezes o camarão está muito salgado ou está com um pouco de sal, então a gente coloca mais um pouco de sal para aprimorar mais o sabor. Aqui o frango está cozinhando, está pegando o tempero, o gosto da cebola e do camarão. Aqui o amolocum já está pronto, como o feijão foi cozido antes, ele já está pronto, já pode sair do fogo, até porque para ele não desmanchar muito o feijão.

Falta a farofa de dendê com camarão e cebola para acompanhar essa comida. No dendê, depois, aqui eu coloco a cebola e coloco a farinha. A farinha também tem uma importância muito grande para a gente de candomblé, para as religiões de matrizes africanas, porque ela está muito inserida em vários pratos e em vários rituais que nós usamos a farinha de mesa.

Para farofa, eu aconselho que se faça com a farinha crua. Isso é muito importante. Que aí você vai torrar ela, saborizar ela no Dendê. Agora entramos com a cebola. Aqui a gente vai deixar dar uma fritada para depois colocar o frango. Ele vai fritando.

A palavra xinxin quer dizer picado, miúdo. Por isso que se chama galinha de xinxin. Muito usado. Isso aqui não é um prato para orixá. Isso aqui é um prato para a gente comer. Como eu bem expliquei a princípio, que são as partes que sobram das oferendas dos animais para os orixás e que a gente aproveita dentro do Ile Axé para fazer a comida para alimentar o povo, os filhos de santo e muitas das vezes distribuída para a comunidade.

Aqui eu vou adicionar farinha, vou adicionar um pouco de sal. Eu sempre digo para as pessoas que qualquer comida, seja ela para orixá, seja ela para nos alimentar, seja ela para alimentar os

amigos, você tem que botar o coração. Não é só jogar a comida no fogo e dar para as pessoas comer, não. Você tem que estar com o coração limpo, o coração bom, porque a gente passa as nossas emoções.

Os nossos sentimentos vão para dentro da panela, para a comida que a gente está fazendo, principalmente quando é para o orixá. A gente não deve estar magoado, chateado, triste, para estar fazendo, cozinhando em si, fazendo a comida em si. Você tem que ter um coração limpo. E uma coisa também, eu gosto de sempre falar, eu aprendi muita coisa com a minha mãe, Mãe Beata de Iemanjá, que ela também era uma cozinheira assim, de mão cheia, em tudo, comida para o Orixá, comida normal, comum. Isso está no nosso DNA, a cozinha. Está no nosso DNA. Meus irmãos também. Cozinham muito bem.

Bom, os ensinamentos da minha mãe. Minha mãe sempre foi uma mulher de muita fé, de muita, muita, muita, muita fé.

O orixá pra ela estava acima de tudo e de tudo. E tem uma passagem que a gente até hoje se lembra.

A gente não tinha o que comer dentro de casa e a gente pedindo comida, minha mãe não tinha para nos dar. Minha mãe simplesmente veio no quintal, pegou umas pedras. Eu tô dando uma panela com água, tampou e essa panela borbulhava, a gente ouvia. E ela dizia, já já a comida tá pronta, vocês vão comer. Não tinha comida ali. E ela chamou por Xangô, a qual eu fiz aquele amalá, que é muito vivo em nossa vida. Xangô é muito vivo. A nossa vida, meu irmão, meu irmão mais velho é de Xangô, meu irmão é de Xangô e eu pari um filho de Xangô. Então Xangô é muito vivo. E ela dizia pra gente, a comida está chegando.

Eu estou preparando tudo, e a gente ali esperando. Eu cheguei aqui no portão, uma pessoa, num carro, estava vindo em nome de Xangô, e foi a festa dele, e ele mandou que tudo que sobrasse e que tivesse na despensa, trouxesse para uma mulher de Iemanjá. E essa pessoa que foi designada para isso, lembrou da minha mãe. E chegou aqui com todos os alimentos. E a mãe preparou, nos alimentou e alimentou a comunidade toda porque era muita coisa e não daria para a gente consumir. Ela preferiu repartir com todos.

E essa história é muito marcante na nossa vida. Minha mãe, com essa fé dela, que ela tinha nos orixás, ela nos ensinou muito a ter fé, a não desistir, a acreditar em dias melhores. E até os últimos dias de vida dela, ela sempre passou isso pra gente, pra gente ter fé, acreditar. E minha história de ancestralidade com minha mãe sempre foi muito forte.

Minha mãe ficou grávida de mim e não queria, porque já tinha a

minha irmã mais velha, nove anos, já crescido e sofria muito com meu pai. E ela falou que ia tomar remédio pra me tirar. Ela foi pro Alaceto, a nossa casa matriz, em Salvador, e lá o Abalacete chegou perto dela, passou o dedo na barriga dela, falou, não mate não, minha filha, você vai junto.

E assim minha mãe fez. Ela começou a ter uns sonhos falando que não era para ela pensar naquilo, e chegou o grande dia do meu nascimento, da minha existência. Minha mãe foi para o hospital, preocupada, porque também Obaluaê tinha dito para ela que eu nasceria com uma marca dele. Então você fica assustada, a marca do Baloi é um lábio de porino, é faltando um braço, uma perna, você sempre pensa o pior… nascer cega, enfim. E ela, preocupada, depois que ela me teve, perguntou ao médico: “Doutor, minha filha é perfeita?” O médico virou para ela, e falou: “Sim, sua filha é linda”. “Ela tem alguma marca?” Sim, um sinal muito lindo! Ele mostrou a ela aonde Obaluaê tinha lhe dito: na barriga um sinal negro, bem aqui na minha cintura, que é em formato de coração. E realmente eu sou filha do Obaluaê e agradeço muito a ele por tudo que eu sou, na mulher que eu me transformei, os filhos que tenho, a terra que eu piso, tudo na minha vida. Agradeço a minha mãe por ter me permitido ser filha dela. Porque isso é um prêmio, esse filho de sangue de ar e labiata é um prêmio.

Sobre intolerância religiosa contra as religiões de matrizes africanas, eu acho que está na hora de a gente se unir. Acho que está na hora o povo de Candomblé, seja ele qual for, Ketu, Angola, Jeje, seja qual for a vertente, se unir. Porque a gente teve várias intolerâncias religiosas terríveis. O povo de Candomblé tem que se unir. O povo de Matriz Africana tem que se unir, porque a tendência é piorar. Esquecer essa coisa de disputa, que um é mais do que o outro, são todos iguais perante o lorum. Tem que se unir, tem que se ter um órgão competente para tomar a frente do que está acontecendo com todos nós. Porque se um irmão sofre intolerância, todos nós sofremos. Se um barracão é incendiado, todos nós sofremos. Então, acho que o povo tem que parar com isso. Se unir, não existir diferença entre nós. Se unir. E no que se diz respeito à homofobia, eu digo a mesma coisa. As pessoas tem que ter mais pulso. Não pode continuar do jeito que está. Todos nós temos direito de ser feliz. Mulher com mulher, homem com homem, não importa o problema, a questão, nem problema, é o amor. O amor está acima de tudo, então as pessoas têm que se unir, não é só passeata que vai resolver pra gente mostrar nossa bandeira, o arco -íris não. A gente tem que se unir pras duas questões. Eu

fico muito triste com o que vem acontecendo, com pessoas de Candomblé conhecidas ou não, como eu já disse, se um sofre intolerância, todos nós sofremos.

A gente tem que se unir, e esse momento é preocupante, a gente está vivendo, a tendência é só piorar. Leis mais severas no Brasil, leis mais severas, o feminicídio aumentou demais, porque a mulher está com uma medida protetiva, mas o marido consegue chegar perto dele, esfaquear, matar, queimar, esquartejar. Por quê? Porque a justiça do Brasil não toma atitude. A justiça do Brasil não toma atitude, então essas leis precisam ser repensadas.

Tem que reler essas leis, tem que reinventar essas leis, tem que se repazir essas leis. Esse é o momento, é agora. Não é só a gente ir pra rua, gritar, fazer passeata. Não. Tem que se criar órgãos pra que tomem atitudes severas contra o feminicídio, a homofobia, a intolerância. É isso que tem que ser feito. É parar, como dizem por aí, de mimimi. A gente está cheia disso, a gente está cansado, nós estamos cansados. Aonde está escrito que eu não posso professar a minha religião? Aonde está escrito que eu não posso andar com minhas vestes na rua?

Aonde está escrito que eu não posso tocar meus atabaques para chamar meus orixás? A pandemia está aí. Está proibido a aglomeração. A gente não está fazendo aglomeração. Estamos cuidando dos nossos orixás, duas, três pessoas. As igrejas estão aí lotadas fazendo culto de microfone, de alto -falante. Eles teriam que ser proibidos também. E não tomam atitude quanto a isso. Então, vamos repensar. Vamos fazer a lei valer e fazer leis mais rígidas. Chega de água com açúcar. Chega de água com açúcar. O momento é agora, que se não vai piorar muito mais. Conselho de mãe é conselho para se ouvir eternamente. E que os jovens tenham mais respeito. E que Xangô, Senhor da Justiça, Senhor do Fogo, faça justiça pelo nosso Brasil, porque da forma que tá não tá dando mais. Eu ainda tenho alimento, a comida na minha mesa, muitos aí não têm. Eu ainda tenho meu cobertor pra aquecer o meu coração, muitos aí não têm. E é desnecessário. O Brasil é um país tão rico de tudo. Por que não dividir igualmente? Por que não dividir igualmente? Essa é a minha palavra. Tenham mais fé. Se apeguem. Se apeguem ao que você acredita. Tenham fé. A fé ela me remove. Montanha, sim.

A fé faz acontecer, sim. Agora, se você não receber o que você pediu é porque você não é merecedor. Mas se você for, você recebe. E o tempo do orixá é um, o nosso é outro. O tempo de Deus é um, o nosso é outro. Essa é a palavra que eu tenho. E que Nanã abençoe a todos. Que Nanã cure com sua lama, molde

seres humanos melhores. Molde cabeças melhores. E nos traga Justiça, e que Babá Nui Obaluaê seja o sol na vida de todos como é na minha, que sempre brilhe, mesmo em dia de chuva!

Remetente **MARIZE PARA RETÉ**

O Terceiro Território Baixada traz como tema eu Reinvento Outros Mundos e nesse encontro nós vamos falar sobre a existência como afirmação do direito à vida, à existência como símbolo de resistência. A gente construir nossa existência não é algo fácil, às vezes numa vida inteira, você continua se reinventando e construindo a sua resistência hoje em uma conjuntura política, social, econômica extremamente adversas. Muitos grupos sociais são colocados à margem. Então essa é uma conjuntura que faz com que vários povos que foram frutos do extermínio foram vítimas da exclusão do genocídio do etnocídio causado tanto pela colonização quanto pela colonialidade, que é um braço que continua até hoje.

É fundamental o diálogo com as Universidades, o diálogo com as secretarias de Educação para que a gente construa um outro currículo que nos mostre ainda hoje, lutando, resistindo, vivendo na cidade sem perder nossas raízes porque se a gente for olhar o que é o território brasileiro, o território brasileiro é território indígena não há nenhum lugar desse país que não tem um vocábulo tupi, guarani, seja qual for a língua indígena, são milhares, afinal!

Então nos traz marcas, em todos os lugares, algo em torno dos 70% do que a gente fala em relação às plantas, animais, paisagens geográficas, nomes de vários municípios e estados brasileiros estão no tupi-guarani, portanto, o que a população brasileira acaba não sabendo e que são também "o nosso português".

Eu costumo dizer para meus alunos que nós falamos tupi-guarani, sem saber que é tupi-guarani porque até isso nos silenciaram dizer quais são as contribuições e todas as marcas que existem aqui inclusive na cidade de Duque de Caxias onde nós somos 865 indígenas segundo o último censo do IBGE mas sabemos que somos muito, mas muito mais na verdade todo esse debate é que a gente faz é para construir esse sentimento de pertencimento depois negado pelo estado brasileiro nesses cinco séculos de pertencimento a essa terra de pertencimento e pertencimento a esses povos que eram mil e quatrocentos e com a chegada dos portugueses na invasão que nós sofremos porque não há descobrimento de algo que já tem dono hoje nós somos 305 e ainda Resistindo com 274 línguas ainda faladas Então o que a gente precisa é fazer com que a população sinta esse pertencimento!

Sinto orgulho dessa pluralidade que existe dentro dessa cultura brasileira porque na primeira Marcha de Mulheres Indígenas veio uma alemã junto conosco no ônibus e eu perguntei para ela por que ela morava aqui já que a Alemanha é um país de primeiro mundo, tanto os projetos, qualidade de vida, etc etc etc. E ela respondeu porque lá não existe essa diversidade que nós somos e temos aqui no Brasil.

Vejam! Isso no Brasil é tão rico e é isso que me encanta. A gente precisa ter mais é amor e respeito pela nossa cultura, não olhar a cultura do outro como se a cultura do outro fosse melhor porque você também foi ensinado assim, essa colonialidade do saber que ainda perdura tanto no currículo escolar quanto na universidade faz com que o povo ainda pense isso que nós somos um povo é de segunda classe quando na verdade é essa pluralidade que encanta tantos povos, que encanta o mundo… Destruíram a sua por conta de você tentar unificar uma população que nunca deveria ser unificada porque ela não tem como ser unificada quando você tem raiz estão de dessas. Nem nós no mundo indígena queremos unificar todos os povos porque nós somos povos são os povos com línguas e culturas diferentes estão juntos o que somos uma grande família mas cada um respeitando a sua pluralidade e diversidade então, é sobre isso!

Remetente **MAM'ETU ITAMARA**

O povo de matriz africana passa por uma grande invisibilidade, todos os dias sofremos preconceitos diversos. Nesses últimos dois, três anos tivemos nossos terreiros quebrados, depredados, invadidos, furtados.

E o povo de terreiro fica sem saber para onde ir, sem saber onde buscar ajuda. As pessoas entram na nossa casa invadem, quebram, nos violentam com a justificativa que o povo macumbeiro não pode estar ali, então a gente não pode existir, né?! Porque tem que existir na forma que o outro quer, não na forma que eu quero viver minha vida.

Então eu acho que a maior resistência do mundo hoje é essa força do povo de matriz africana. Onde é o meu terreiro foram várias pessoas, vários filhos que foram expulsos das suas casas com a roupa do corpo - e em 24 horas serem obrigados a deixarem suas comunidades. O governo também não nos ajuda, essa forma de preconceito, essa falta de respeito, quando falamos da reinvenção do mundo, falamos sempre de um projeto de vida. De sobrevivermos por ela, para o amanhã. Para os nossos.

Eu não quero que meus filhos de santo, meus netos, passem por

isso, passem essa violência toda. Parece que a chibata do passado tá nas nossas costas até hoje! Eu não quero que os meus filhos, nem os meus netos passem por essa violência tamanha. Então eu quero muito mais, eu desejo um mundo realmente muito melhor, essa invenção é que quero ver se tornar real.

Muitas pessoas na pandemia buscaram o meu terreiro passando necessidade, passando fome porque perdeu o seu emprego, perdeu os extras que fazia afinal ficou todo mundo dentro de casa… na verdade uns puderam ficar dentro de casa, outros não. Então muita gente bateu lá pedindo comida. Comida. Parece tão trivial, não é? Não, não é.

Eu acho que assim tem que ser, tem que fazer um trabalho de educação muito grande, tanto nas escolas como dentro da nossa casa também e da nossa família, claro. Vou contar uma história. Eu saí depois de uma festa, saí ali no portão do meu barracão, fiquei na calçada. E aí vieram duas crianças e a calçada é grande. E uma das crianças puxou a outra - devia ter uns oito e dez anos, mais ou menos. Uma delas falou assim: “Minha mãe não quer que você passe na calçada da macumba”. Eles foram brigando um com o outro e a menina dizendo que ia passar, ele dizendo que não, aquela confusão de criança… eu fiquei olhando aquela cena ao longo da calçada… fiquei pensando… “Minha mãe não quer…” mãe é muita coisa! A mãe é um ser que dá a vida. Então se eu levo para minha vida esse tipo de educação, de visão, é o valor que eu, mãe, que dou a vida para o meu filho estou dando para ele também, é a visão de mundo que eu estou dando para essa criança, junto à vida que eu dei e me dedico a dar todos os dias.

Essa criança precisa ser ensinada. A educação para o mundo mais e melhor estruturada, assim teremos pessoas melhores nesse mundo. Com visão de mundo plural, visão de mundo mais carinhosa, visão de mundo com respeito, ou seja, valores civilizatórios.

Remetente **BABALORIXÁ ADAILTON**

A grande capacidade dos povos africanos é a reinvenção, justamente ela, desde a diáspora. Uma diáspora dolorida que até hoje nós sentimos em nossos corpos. Aquela velha história que Conceição Evaristo tão bem disse: “eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer”.

Uma forma de nos tirar das nossas próprias almas, das nossas próprias diversidades, dos nossos corpos e modos de ser plurais… porque os povos africanos são etnias com religiosidades próprias. Nós não somos iguais. Muito pelo contrário. Há um sentido de integralidade entre o ser humano e o meio, entre pessoas e o meio ambiente, a relação com a própria natureza, nossas divindades são constituídas de elementos da própria natureza.

Queremos reinventar um novo Sul porque o Norte a gente já está vendo o resultado que foi. A colonização, o desmantelamento de nossas vidas é uma projeção que a gente está vendo onde deu e que nós temos que de fato que começar a nos reinventar e buscar originariamente o que nos cabe porque esse é o nosso projeto civilizatório não a partir do

contexto do outro que nos civilizou porque civilização para eles é exterminar, é a chacina, é o desmantelamento dos nossos corpos e mentes.

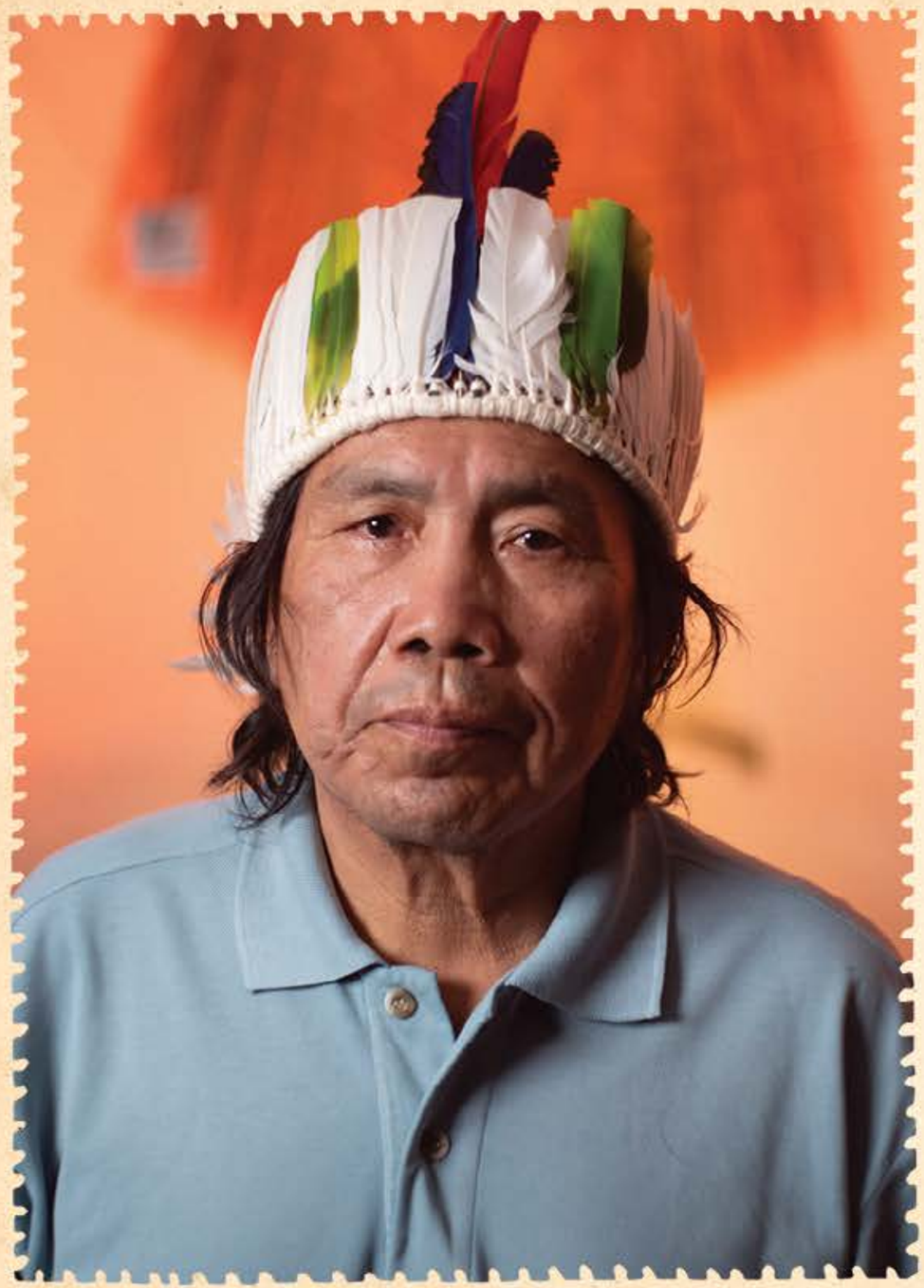
Que nós façamos parte de uma ótica desconstrutora desses "valores". Que possamos enxergar a importância dos povos originais na construção desse país. Hoje tem uma gama enorme de fontes de conhecimento, informação sobre a contribuição ferrenha que os povos africanos aqui deixaram e ainda deixam. Mas também se tenta invisibilizar o extermínio diário de nosso povo negro e periférico como se fôssemos destituídos de civilização. Mas a nossa civilização é outra, civilização de que a sua vida me importa, me importa os seus filhos porque também são meus filhos. Esse distanciamento entre pares, esse projeto eurocêntrico em que o colonizador nos coloca em um projeto muito bem arquitetado… então é preciso que a gente volte a fazer confusão quando eu falo de confusão é isso: a gente tem que voltar nos fundir, com-fusão! E os povos originais, os povos de matrizes africanas têm que compreender que, se trabalharmos juntos, ninguém, nenhuma nação será capaz de nos colocar como inimigos uns dos outros.

Nosso Exú não é o demônio que é criado pelo cristianismo. O nosso Exú é transgressor, é aquele que nos possibilita várias formas de comunicação, é aquele que diz que não temos uma única verdade, ele é libertador e emancipatório de nossos Oris, de nossas mentes, como Beatriz Nascimento coloca muito bem, é preciso que nós nos re-Ori-entemos para que nós possamos ter vidas melhores, diversidade no mundo.

Olodumarê criou uma grande cabaça chamada de bardu a cabaça da existência, eu acredito que todas as tradições e milenares tem uma relação de mitos de criação que são mitos, são estórias para além de histórias, estórias que dizem que Olodumarê criou uma cabaça grande e nessa cabaça ele foi colocando vários ingredientes, as divindades e os seres humanos a fauna, a flora, os elementares e disse: - esse é o mundo para que vocês todos possam conviver, o norte faz exatamente o contrário e a cultura e a tradição cria esse tipo de justificativa, justificação de sermos diversos - ela é violentada e agredida.

O que é importante, aliás central é o estado se responsabilizar por isso. O Estado poder estar atuando com suas instituições e potencializar a área da Educação mais um trabalho para os professores e professoras, mas enquanto uma disciplina sobre diversidade religiosa deveria ser quase que obrigatória para que as pessoas não achassem que é naturalizado e normatizado cometer ato de intolerância religiosa, de racismo religioso, de

fundamentalismo religioso. Eu sempre prego que esse estado tem de ser um estado laico e quando eu falo sobre estado laico não estou dizendo que o estado precisa ser omisso frente às questões da religiosidade.



Remetente **CACIQUE TUKANO**

O índio sempre está reinventando. O índio está sempre dialogando então para começar nós temos a nossa existência afirmada aqui nesse espaço, nesse chão. Nós somos constituídos desse ar. Nós somos constituídos de vegetal igual às árvores. Nós somos constituídos de água e a água que corre aqui, é vermelha. É desse modo que a gente surgiu. Depois desses três seres, ar, terra e água se materializou esse corpo de ser humano e transformou-se nessa massa, ou seja, o corpo espiritual se transformou no corpo físico.

Etnocídio e genocídio. Vamos falar sobre.

Os Tukanos, na minha região, são umas das 13 etnias. Éramos 23, em São Miguel da Cachoeira. Nós temos nossas próprias línguas. Eu vim para o Rio de Janeiro depois de muita luta na minha região. Somos aqui discriminados, julgados, nos chamam de selvagens. Bom, então hoje nós estamos mudando essa história aos poucos para as pessoas saberem que nós também somos seres humanos, iguais a eles. Então hoje estamos discutindo de igual para igual o que queremos, quais são as nossas reivindicações nesse território brasileiro, quais as formas da

nossa comunicação, quais as culturas que carregamos.
Eu venho de um lugar de muito difícil acesso à comunicação, é difícil o contato com outros lados, sabe? Se acontecesse alguma coisa há 30 anos atrás no Rio de Janeiro, não chegaria a mim em tempo real. Hoje eu tenho essa capacidade ou essa tecnologia de avanço que está presente lá porque eu só aprendi a falar português e nunca me ensinaram a falar em minha língua. Os missionários tiram a nossa Cultura porque mudam a nossa língua. Progresso. O que é progresso para você? Não seria boa tarde, obrigado, dá licença? E nós somos os ditos ignorantes! Eu ser Carlos, meu pai Francisco e minha mãe Maria para nós foi terrível essa mudança. Muitas das nossas culturas foram dizimadas, então o que dizer? Nossos grandes líderes espirituais eram expulsos das suas casas, proibidos de praticar aquelas cerimônias da ancestralidade.
Isso foi muito difícil para nós então conheço muitos velhos pajés e os baiás, mestres de dança, os benzedores, morreram tristes. Eu acredito que meus pais tenham morrido mais felizes porque me deixaram esse legado de luta, para enfrentar e combater essa dificuldade.
Hoje eu estou na cidade do Rio de Janeiro onde não tem nenhuma pessoa aqui na cidade que fale a minha língua, que entenda meus costumes, que entenda meus hábitos, não tem. Eu tive que aprender a falar, aprender a me comunicar, aprender a me adequar. O que acaba com os povos indígenas é a imposição dessa doutrina cristã. Doutrinar é uma coisa, evangelizar uma outra coisa. Eu tenho essa experiência o que acaba com os povos indígenas são excesso de proibição através desses processos de fé.
Noventa por cento de evangélicos é o que tem hoje na minha região. Quando saí da minha região tinha uma igreja evangélica e uma católica. Quando retornei, há pouco tempo, havia mais de seis igrejas evangélicas! Encontrei com os irmãos de outras etnias que se tornaram pastores, pregando isso, aquilo… ficou ruim, não é? Impondo aos povos indígenas, mais imposição. Não pergunta aos povos indígenas se eles querem aprender essa fé que eles pregam, então impõem. Eu acho isso terrível, atacam nossas culturas, o Papa pediu perdão aos povos negros e aos povos indígenas por eles acabarem com a cor, com a nossa exuberância, com a nossa existência por aqui nas Américas… do que adianta? Para esconder a vergonha colocaram esses panos de roupa em mim.

Remetente **ANA KARIRI**

Sou Ana Kariri. Como minha avó, que tem 101 anos hoje, ela diz pra mim, “antes de você chegar e dizer seu nome, Ana, você diga de onde veio, para as pessoas saberem quem você é”. Então, eu venho de Esperança da Paraíba, nasci em 1972, faço parte do tempo da desnutrição infantil, então eu já me considero resistente a partir daí. Cresci com as minhas matriarcas, com a minha bisa, com a minha avó, com a minha tia. Minha mãe me deixou lá na Paraíba por conta, exatamente, desse contexto de não aceitação de uma mulher solteira dentro de uma cidade, de uma mulher indígena, de uma mulher raçuda, briguenta.
Minha mãe era briguenta, acho que eu herdei isso um pouco dela, agora estou um pouco mais tranquila. Ela vem para o Rio de Janeiro e vai morar no Morro da Providência, depois na ilha do Governador, e depois vem para cá, para a Baixada, para Jardim Anhangá. E ela vem para Jardim Anhangá porque escutou o som, Jardim Anhangá, Imbariê, Saracuruna, ela falou: “tem parente lá”!
E aí ela chega aqui, 1972 para 1973, e descobre que não tinha parente nenhum. Ao contrário, se tivesse, se por um acaso ela

fosse encontrar, ia ter que passar por um tempo de procura muito grande. E naquela época você não podia dizer que você era indígena, quando muito você era nordestino, e você já sofria. Então ela deixou isso para mim. Quando minha Bisa faleceu, em 1976, lá na cidade, aí descobriram que eu existia, porque eu nasci em Esperança, na cidade, mas eu cresci dentro do sítio onde era o antigo povoado. Então lá ninguém sabia que tinha uma criança, não podia saber.

Na época da desnutrição, era a pastoral que cuidava, então a criança tinha que ser cuidada pela pastoral, tinha que beber aquele mingau da pastoral, e a minha bisa, a minha avó falava que ali era, por elas terem passado por um processo de silenciamento, de catequização, elas diziam que ali era que matava as crianças. Então elas falavam não, que não fosse porque para elas o mingau era a catequização.

Então minha avó falou e fala até hoje: "Você só sobreviveu, você só não virou uma criança pagã porque a gente fez com que a cidade não visse você". Então assim, durante muito tempo esse silenciamento para mim também foi resistência. Então, em 1976, quando minha bisa fez a passagem, aí que descobrem que tinha uma menina lá, que morava com ela. E aí só nesse tempo que eu fui batizada, só nesse tempo que eu fui registrada, e automaticamente fui para a escola. E aí fico lá até 1979. Eu venho para a Vila São Luiz em 1979, em 1980, minha mãe ainda demorou uns oito, nove meses para me buscar, porque ela tinha tido meu irmão, que nasceu aqui em Caxias.

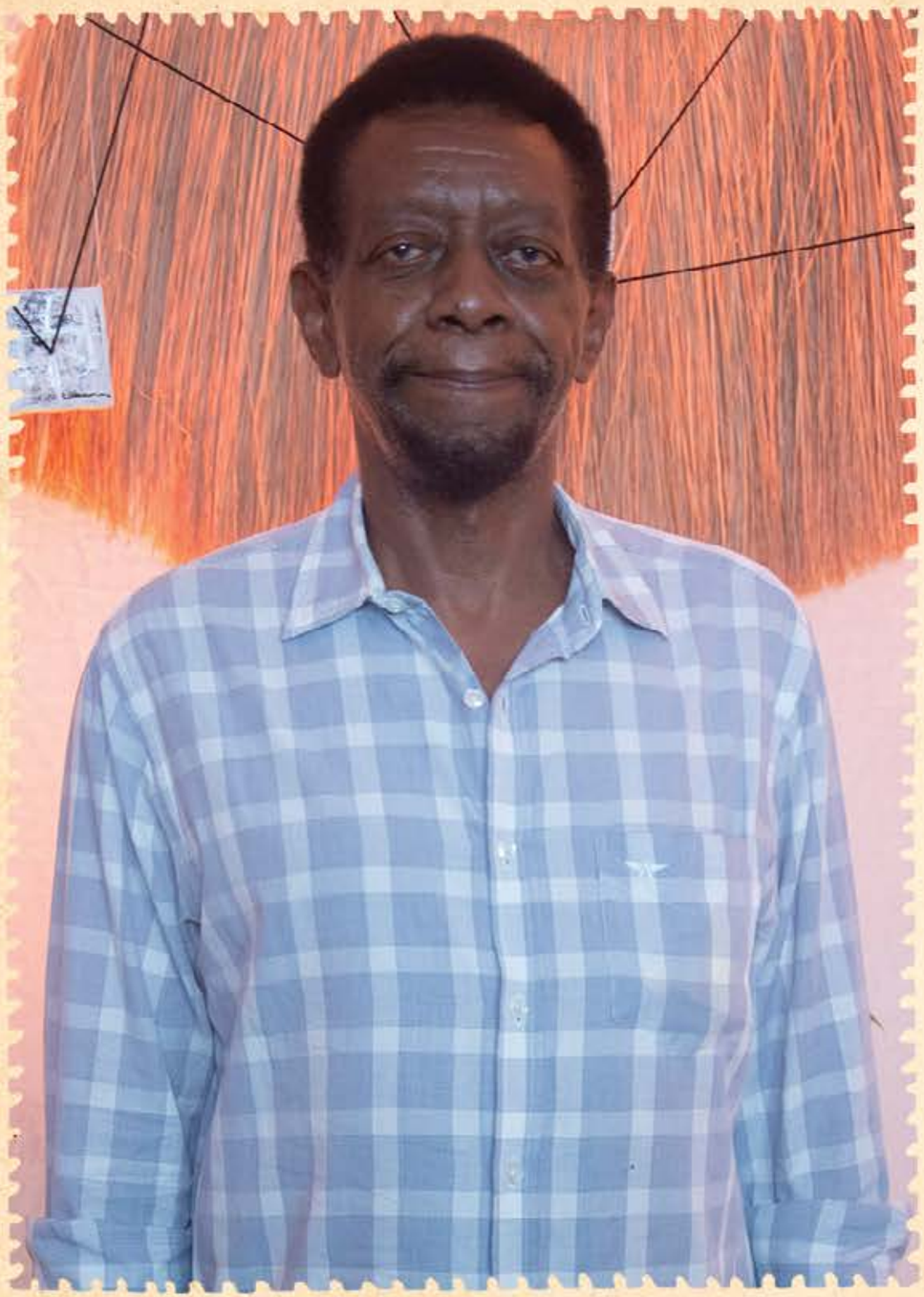
Ela esperou, teve que convencer o marido dela que ela tinha uma filha e ia ter que ser criada por ela. E meu padrasto na época já era evangélico, já tinha feito um processo de silenciamento dela também, então ela já não fazia os cantos, não tinha as rezas, não tinha mais nada. Ela atravessou um processo de evangelização e ela vem na promessa deixando pra ele, claro, que eu também iria ser tranquila, que eu ia ser educada, que eu não ia ser aquela menina selvagem, que eu ia me socializar, vamos colocar assim.

E aí eu chego na Vila São Luís, a primeira coisa que eu vejo lá na Praça da Vila, a recepção foi um tiroteio entre vereadores, teve um lance lá em 1980, e a minha mãe falava pra mim, só pra eu ver duas árvores que estavam tendo uma revoada de passarinho. Eu nunca tinha ouvido o som do tiro, eu nunca tinha ouvido aquela polícia, bagunça, não sei o quê, e foi uma coisa, assim, pra mim foi muito traumática, a única coisa que eu queria era ir embora, voltar pro meu sítio, voltar pro meu mato, e esse voltar pro meu mato, assim, pra minha mata, pro meu canto, sempre foi muito

forte pra mim. Eu cheguei, aceitei aquele momento com muita dor, porque eu fui tirada de minha avó, de minha tia que me criava, foi a apresentação, olha, essa é sua mãe.
Tem oito anos que você não vê, mas ela é sua mãe, e aí eu tive que lidar com todo esse processo também. E aí eu, assim, comecei a ser rebelde dali, porque aí a minha mãe me coloca lá na escola, uma escola municipal, e eu não gostava de andar calçada, então tinha que colocar o conga, né? E aí eu tirava a conga. E a nossa bolsa, né? A nossa bolsa pendurada. E aí na minha bolsa eu levava tutu, levava cuscuz, levava batata doce. E aí quem vai lanchar isso, né? Não tinha porque isso é que me dá sustância.
Diziam que eu tinha muito cheiro, mas a minha mãe me colocava joar na cabeça para podermos pegar os piolhos porque eles tinham piolho, eu não, mas eu que era selvagem. E aí passei uma época ali na Silva Jardim e aprendi a bater, porque assim, se vem um monte de garotos, se você não bate, tu apanha! Hoje eu quero o caminho do diálogo, claro. Hoje a gente tem isso, mas na época não tinha. Eu era uma criança. Então eu comecei a bater nos meninos também para me defender, e isso era toda semana… minha mãe tinha que sair do trabalho para poder justificar porque eu "estava" daquele jeito. Enfim, resumindo… A minha chegada na escola, na Escola Lyons, foi dessa forma.

Hoje eu sou amiga da diretora, que já se aposentou, já dei aula lá, inclusive, então ela tirou essa parte, assim, não, "ela não está mais selvagem". Mas foi um processo muito dolorido pra mim.
O processo de alfabetização não era o mesmo que o meu. Hoje, nessa revitalização da língua dos Kariri, a gente sabe que tem uma língua própria, que nós somos 305 etnias, mais de 274 línguas faladas, fora as que estão sendo revitalizadas. Então a minha língua é Akpea, e eu venho da língua Akpea, que é a língua dos mais velhos, dos Kariri velhos da Paraíba.
E quando a gente faz essa revitalização, a gente vê que tinha palavras soltas, que eu falava na escola aqui e não era aceito. E aí eu não compreendia, como assim, se eu estou sendo alfabetizada, por que eu não posso falar isso daqui? Eu fui rebelde, muito rebelde, mas essa rebeldia também foi muito positiva, porque minha outra tia, que também estava aqui na cidade, tinha uma barraca na Feira do Forró, e aí tinha a buchada de bode, e lá iam os intelectuais, os pensadores da Baixada, de Duque de Caxias, se encontravam lá, para fazer o que a gente faz hoje, tomar cerveja, comer um torresmo, comer um cuscuz e a buchada de bode, claro, que era tradicional.
E ali eu escutava eles, porque eu ia ajudar minha tia, afinal, final de semana não podia ficar na zoeira, tinha que trabalhar. Para

garantir também, inclusive, a moradia, porque o meu padrasto achava que estava me fazendo um favor de eu estar ali. E aí vou, e aí eu conheço os principais militantes culturais daqui. E aí eu me apaixono por isso, escuto o Marquinho Maluco, que é o Marcos Bonfim, que é um dos maiores artistas visuais, de maior referência para mim hoje, Beto Gaspari, Beto Cavaco, o professor Antonio Augusto, o professor Alexandre Marques, que hoje são meus amigos e minhas referências, e naquela época eu só escutava. Então ali foi que eu comecei a me encantar pela militância, onde eles iam eu também ia.
Estive muito na militância do movimento negro até 2015, porque eu entendo também, a gente entendia que nós éramos, nós somos irmãos, e era uma militância só, né, não tinha rótulos. Até porque o colonizador quer isso, né, rotular a gente, cada um no seu canto e eles ficarem assistindo de camarote. Em 2000, minha mãe me dá a bênção pra poder ir buscar a minha história. Assim faço hoje parte da retomada dos Kariri da Paraíba.



Remetente **ELLE SEMOG**

O silenciamento do negro do Brasil é um modo cultural da sociedade brasileira. Então, quando a gente vem para um debate desse, pensando em epistemologia, a gente tem que pensar que outra epistemologia é essa. Não é a epistemologia do encantamento, é a epistemologia da ruptura. O tempo todo eu preciso estar em ruptura com esse sistema que é pensado e funciona e opera e se renova há 500 anos. São 500 anos de extermínio de população indígena, não é pouco. São 500 anos matando pessoas, hoje ainda se mata índio. São 500 anos de sequestro e violência contra o território, contra o corpo negro, que é o seu território de humanidade.

E o tempo todo a gente tem que estar recodificando esses códigos que se renovam, se renovam, se renovam, como uma velocidade e como uma competência metodológica surpreendente. Então, pensar a arte e a cultura como um instrumento de formação, de resistência, de sobrevivência, é fundamental. Então, a revolução estética provocada pelo efeito, a gente estava falando aqui de quando você se apropria da sua identidade, até os 17 anos eu era um preto, um preto que só

era bonito dentro de casa. A partir desse “black is beautiful”, a partir da Estética mesmo, no sentido clássico, grego, e destrói e diz assim, não, existe um outro belo!

Existe uma outra forma de ver o mundo que isso aqui, para mim, é a poesia. O poema eu boto ali escrito. Esse cenário é uma baita poesia. Esse encontro é uma poesia sem tamanho.

E eu tenho que transformar isso tudo, que é a poesia, no texto poético para eu levar para os meus alunos. Ensiná-los a ruptura, lidar com um cânone que não aceita de forma nenhuma que nos sequestraram em várias etapas da nossa História. Tem a forma como eles nos negaram o acesso à Educação. Eu, quando meu pai morreu e que nós fomos morar em Bangu, eu era o filho da viúva, mas era o filho da viúva que estudava. Mas o meu lugar naquela comunidade, eu era da fábrica Bangu. Eu era um operário.

E eu falei que eu não vou, que eu não fico nem a pau. E tive que me virar, concluir o meu curso colegial, fiz um pré-vestibular que não pude pagar, porque até então eu não tinha trabalho. Eu trabalhava, assim, vender um limão na feira e coisa e tal, mas de uma forma sistêmica, quando meu pai morreu, eu virei o homem da família. E a coisa mais louca era que tudo, aquela coisa que meu pai fazia nas Casas da Banha e trazer no fim do mês uma bolsa de compra, eu comecei a repetir aquilo. O lugar do meu pai na mesa de jantar passou a ser o meu lugar. Eu falei, eu tenho que romper com esse troço, eu não sou isso, não vou ficar aqui, não quero!

E fui, corri atrás, fui trabalhar na construção civil como apontador, logo depois, na Fundação Getúlio Vargas, como mensageiro, entrei pra faculdade, sou da primeira turma de Análises de Sistemas aqui do Rio de Janeiro, depois a PUC criou o curso também, e ali, trabalhando na Fundação Getúlio Vargas, fui trabalhar no Mobral. No Mobral, seis meses depois, o cara virou, as pessoas perceberam que não dava pra mim deixar a condição lá de Office Boy, já fui direto pra dirigir uma sessão de digitadores. Estudando aí, dei uma outra sorte, fui estagiário, a Datamec rodava os programas do Mobral, eu fui estagiário dentro da Datamec, dos caras que fizeram o Banco, cartão de crédito do Banco do Brasil, a loteria esportiva, que foi a primeira loteria. Então só analista da pesada! Me achavam inteligente pra caramba e eu não tive dificuldade com isso, tive uma formação legal. E nesse processo resulta que eu sou um crioulo que não deu certo. Eu sou um crioulo que não deu certo. Eu não matei ninguém, não sou viciado. Sou casado, tive dois filhos, sustentei os meus dois filhos, os dois são formados. Então é o crioulo que tem casa própria, tenho o meu carro. Deu tudo errado, eu não

sou o cara que eles queriam. Eles não estão acostumados com isso. Isso é complicado.

E eu devo isso ao quê? Eu devo isso ao movimento negro, que foi o meu processo de formação crítica porque senão eu poderia ser um negro bem formado e estar totalmente alheio da realidade do meu povo. Eu não tenho, como você disse, eu nunca tive projeto pessoal, tanto na literatura negra, quando eu construí com outros amigos. Essa primeira geração de escritores negros, que é a primeira geração de escritores negros, essa que eu faço parte, que surgiu nos anos de 1980. Couti, Dereja Cari, Conceição Evaristo, a Conceição era do grupo negrista aqui do Rio de Janeiro. O grupo negrista é poesia e arte de crioulo, olha só. E a gente falava poesia em trem, falava poesia aqui na Baixada, falava... E eu tive uma carreira então, uma carreira de servidor público, primeiro no MEC, depois no governo do Estado.

Fui assessor do senador Abdias, mas o tempo todo voltado com a preocupação de Educação e com a preocupação de construir uma literatura de ruptura, de entrar no cânone e dizer se você não é isso. Nós começamos a produzir, quando eles viram, a primeira reação... Ah, não subiu outra placa, não. Quando eles viram, a primeira reação do cânone da Universidade, do produtor de epistemologia, foi dizer assim, não existe literatura negra. Que é isso? Existe literatura brasileira quando muito. E nós construímos uma literatura negra que hoje está na escola, hoje é objeto teórico. Nós construímos os nossos doutores em literatura comparada, a Conceição, Adélia, o CUT e outros. Nós construímos uma fala de enfrentamento ao racismo dentro da literatura brasileira.

Meu filho preto cheira a flor de jamelão, minha mulher preta é bonita, eu posso beijar na boca, o meu velho eu respeito dentro da minha literatura. Isso é o que incomoda ele, isso incomoda tanto, sabe por quê? Porque é a reapropriação da nossa história. Você passa toda a história, que são 500 anos de história, você passa toda a história do Brasil, não há um negro ou não há uma história sequencial que você possa ter como referência. Eles destroem os intelectuais que surgiram na pré-república, nos anos finais do império, todos eles sumiram. O Machado de Assis é um branco, foi necessário que falássemos “não, esse é nosso, esse é de casa”. Então esse sequestro da construção e da participação, a ideia é como é que você tem 400 anos de trabalho escravo e no movimento abolicionista de menos de 100 anos os negros não participaram.

É sequestro o tempo todo, é destruição o tempo todo. Então eu, como historiador, também sou um historiador, sou mestre de

história, eu tenho a obrigação de, na minha literatura e no meu trabalho acadêmico, cada vez que eu pise dentro de uma escola, denunciar esta estrutura racista que é o ensino brasileiro e que é o pensamento brasileiro. Então, a gente conseguir ter consciência disso, ser apropriado disso, a necessidade de que nossas crianças escrevam as nossas histórias, a gente tem que estimular.

As nossas meninas escrevem a história da família, do pai, do avô, porque se nós não fizermos o que vai fazer, é o Roger Bastite, por exemplo, que diz que a minha família é preta, era uma família promíscua, que as mulheres se davam ao prazer a toda hora, e os homens eram vagabundos e não tinham nenhuma relação de amor com os seus. Isso o Roger Bastite escreve, o Florestan Fernandes reproduz, depois o Florestan se arrependeu, Emília Viotti escreve. Esses caras são os caras que vão para a Universidade de Formação do Professor ensinar ao futuro professor do meu filho. E quando o meu filho chega na escola, ele vai ter uma carga ideológica tão forte desse menino, que foi formado por esses intelectuais, e ele vai ser lá o negrinho, vai ser o cara no fim da fila, no final do banco.

Romper com isso é a minha disposição o tempo todo e reescrever a minha história. Isso não tem como abandonar. Reescrever a minha história, que eu falo a todos nós, temos a responsabilidade de escrever uma outra história do Brasil, porque é que foi contada até agora, evidentemente, que se esgotou e não serve mais pra nada.

Nosso companheiro estava olhando ali aquele Alguidar, né? Alguidar, se você levar ele para outro espaço, é um utensílio de cozinha. Eu estava pensando também, quando ele falou dos berimbaus, eu estava pensando nos atabaques. E aí, quando você olha um Alguidar e vê um atabaque, é uma coisa, quando você vê um jarro na entrada de um prédio ou num museu e vê um piano na entrada ou num restau, o piano é aquilo mesmo. A estatueta. A estatueta. Quando muito o piano e você pega a música clássica, é uma música que prende o teu corpo. É uma música de propriedade. Você não vê as bailarinas. Ela pode até, mas numa disciplina contida, violenta.

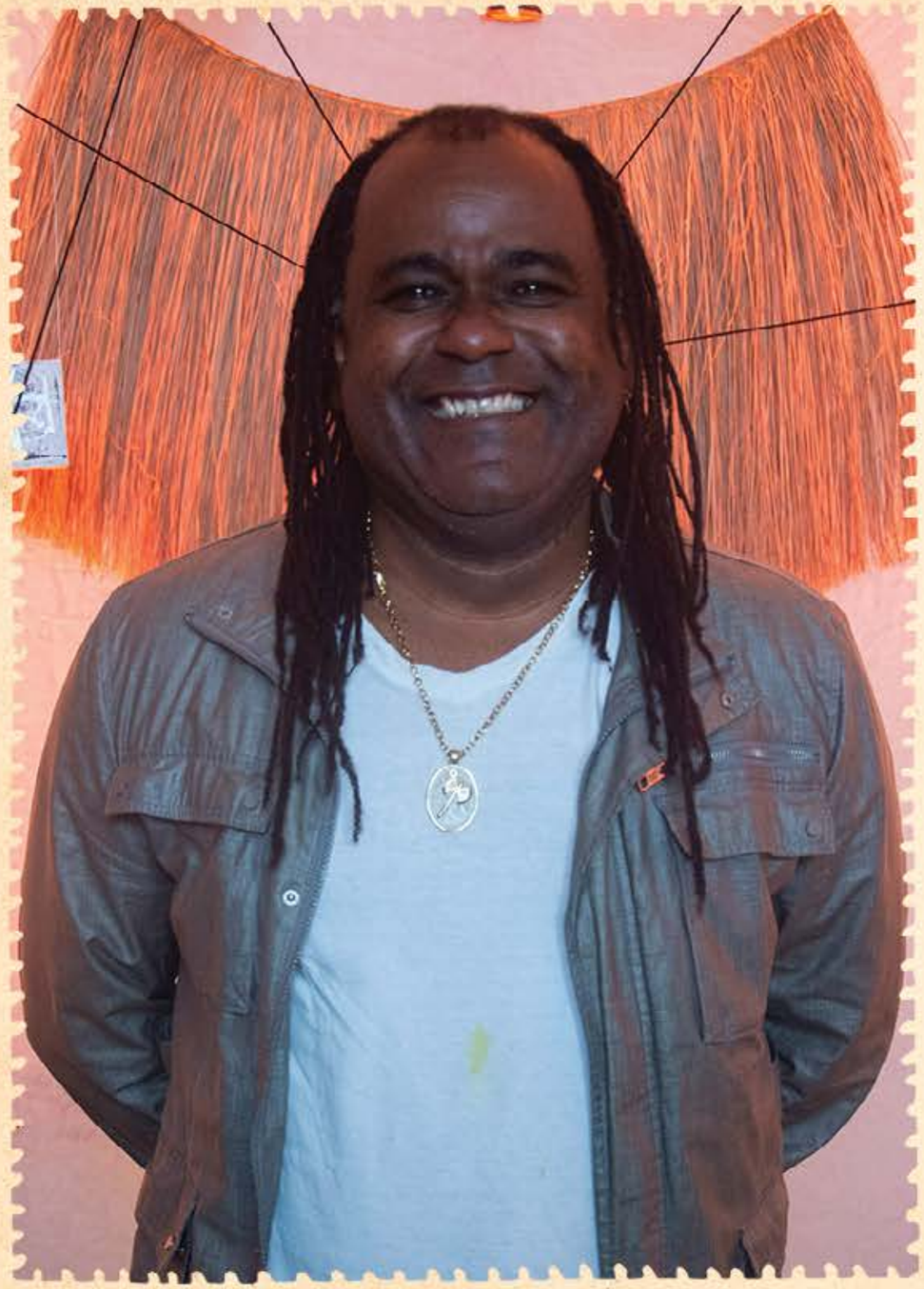
E quando você vê um atabaque, é impossível que você não se relacione a um sem fim de vida. É tanta coisa num atabaque sem ser tocado. É tanta coisa que é cosmogônico. Está entendendo? Essa é a diferença de como a gente se apropria das nossas coisas para produzir rupturas e para produzir uma competência de vida que você possa levar para a escola. Produzir conhecimento. Produzir conhecimento, sobretudo produzir conhecimento. Eu quero agradecer imensamente

aos meus companheiros e a minha companheira aqui de mesa de debate. Foi um aprendizado. Eu costumo dizer que estou sempre em formação. E hoje foi um dia muito especial nesse processo de minha formação.

Agradecer a equipe do projeto porque é uma demonstração de resistência. E nós não é resiliência, não, é resistência mesmo, é enfrentamento quase bélico ao que vem passando a cultura no Brasil. Eu acho que o que a gente tem que ter em mente é que uma invasão dessa, uma circunstância dessa, passa. Porque é uma circunstância muito precária, ela é capaz de deixar raízes. E o que nós já fizemos, o que nós já construímos, com certeza está pronto para florir de novo e florir de uma forma devastadora. Como eu costumo dizer, as pessoas dizem assim, ah, a cultura negra de resistência, a cultura negra, eu falo, como cultura negra de resistência? A cultura é violenta, é uma das culturas que conseguiu pegar todos os santos da igreja católica e transformar em orixá!

Isso é de muita violência, é uma cultura, junto com a cultura indígena, que no país, das línguas dos palópeos, dos países de língua oficial portuguesa, é o único que incorporou termos africanos e termos indígenas. Eventualmente termos árabes e, uma vez aqui, outra em inglês. Mas na língua coloquial, no dicionário, isso não é cultura de resistência, é uma cultura violenta, é uma cultura capaz de transformar, de transformar, de transformar. E ela é tão poderosa que já não é possível ao branco sobreviver sem essa energia e sem essa... sem estabelecer uma sinergia com essas culturas. O nosso nó é que eles são vorazes, eles são vampiros, eles não têm nenhuma preocupação de se apropriar disso, incorporar isso no seu acervo, no seu patrimônio, enquanto trabalham para nos eliminar fisicamente.

Porque agora a luta! Participei de uma campanha “Não matem nossas crianças” onde na cidade do Rio de Janeiro se matava até quatro crianças por dia por projétil de arma de fogo e isso não parou! Mas a nossa resistência é com amor tudo que falo aqui tem uma base imensa de amor e para isso eles não estão preparados.



Remetente **MARCOS SERRA**

Distúrbio psicossomático, aliás, banzo. Tem dias que o coração aperta e uma tristeza vai moendo as entranhas. E uma moleza esbagaça os planos e uma certeza estraga o amanhã.
Vou me curar na praia de Copacabana. E sentado ali por finito tempo, fico olhando aquela merda do Oceano Atlântico que interrompeu o meu destino.
Elle Semog

Bom dia, boa tarde,
Boa noite a todas e a todos.
Todos estamos aqui.
Mais um painel do Território Baixada.
Eu sou Marcos Serra, sou ator, professor de artes cênicas.
E a gente vai estar conversando aqui hoje, pessoal, sobre epistemologias encantadas, arte e educação antirracista como travessias para o novo mundo.
Que travessias? Que novo mundo?
O que a gente vai discutir, basicamente, é como ampliar cada vez mais as nossas possibilidades, as nossas perspectivas

enquanto artistas, negros, negras, indígenas, para estar falando um pouco de tudo aquilo que nos dá raiva na sociedade.
Mas é uma raiva que a gente vai trazer enquanto estética. É uma raiva que a gente vai construir a partir dela. E acho que a gente vem construindo e vem discutindo sobre tudo a partir dos nossosnfazeres, dos nossos saberes, das nossas perspectivas, das nossas limitações e também, obviamente, das nossas lutas, dores enquanto artistas, enquanto agentes culturais, enquanto atores sociais.
Eu sou ator, sou professor de artes cênicas e durante muito tempo eu fui autodidata.
Eu trabalho com teatro, comecei a trabalhar com teatro aos 17, 18 anos por ali.
Aqui na Baixada Fluminense, a Baixada Fluminense, esse polo cultural imenso que me trouxe a perspectiva de atravessar esse mar, esse oceano, não no navio, mas nas asas da minha imaginação, solidão, racismo vivido, racismo reproduzido, machismo vivido, produzido e reproduzido. E as perspectivas que sempre foram para mim muito obedientes ao sistema. O sistema de coisas, sistema, diria, cruel.
E também confortável, porque não?
Nessa ideia de me construir, nessa ideia de fazer arte, não como uma opção, mas como única opção. E eu falo única opção exatamente pelo fato de que é na Baixada, ao contrário de alguns lugares, que a gente vai circulando, vai correndo por aí. Eu percebo. Eu percebi ao longo da minha existência artística profissional, que aqui os artistas, eles não saem da classe média, os artistas, muitos deles, grandes intelectuais. Eles vêm exatamente da classe trabalhadora. É interessante isso, ao contrário do que eu observei, é claro. O subúrbio nos morros das periferias tem essa característica também.
Mas a gente tem na capital uma relação artística bem diferenciada, bem diferenciada neste sentido social mesmo, no sentido, diria, econômico, de classe.
E essa questão de classe sempre foi muito atravessada na minha vida, me atravessou muito. Quando falei que não escolhi, não tinha muita escolha. É óbvio que eu estou brincando, mas sempre temos uma escolha. Mas a minha escolha foi muito, foi, foi muito me permeada nesse sentido.
Eu sou preto, eu venho de uma família preta, da família evangélica de Nova Iguaçu, sempre vivi aqui e desde muito novo, eu, hoje com 51 anos de idade, numa geração que a gente não tinha perspectiva de responder, quando criança:
O que você vai ser quando crescer?

Aliás, essa pergunta nem era feita. Na verdade, já tinha um traço dado do que a gente iria ser desde que a gente também não iria. Na verdade, era muito mais fácil dizer o que nós não iremos ser do que seríamos nós enquanto negros, negras na Baixada Fluminense. E a minha geração não tinha perspectiva nesse sentido. A gente estudava para aprender a ler, escrever e trabalhar.

Eu lembro que minha avó falava muito:

"Não pode ficar burro, senão vai puxar carroça".

Esse termo de puxar carroça é muito interessante. Eu acho que não se usa mais não. Se você falar na rua, todo mundo vai saber o peso dessa vida. Como você já falava muito não, você vai puxar carroça, tem que estudar para não puxar carroça, puxar carroça, estabelecendo alfabeto e ter ali esse trabalho de burro sem rabo, como é conhecido e tem tantos por aqui ainda hoje na Baixada Fluminense.

Então a ideia era ler, escrever, aprender esses códigos para mais na frente você ter a vida comum de todo homem preto na Baixada Fluminense. Acontece que na minha vida entrou a arte, entrou o teatro e o teatro ele me atravessa para revolucionar. E é óbvio que com o teatro vem tudo junto. Eu gosto de dizer que o teatro é uma soberba e uma pretensão também, porque eu vou ser corporativista. Eu costumo dizer que o teatro ele vai agregar todas as artes em tempos reais e hoje também em tempos virtuais.

A gente, quando começa a fazer teatro e eu falo a gente, porque eu sempre fui coletivo, comecei a ser atravessado por várias questões, várias outras perspectivas artísticas, mas, mais do que a arte, isso é importantíssimo. Estar pensando e refletindo. Foi um movimento cultural da Baixada Fluminense que me moldou, que me fez trazer outras perspectivas, sobretudo de quem sou eu nesse mundo?

Que corpo sou eu nesse mundo?

Que pessoa sou eu nesse mundo?

Sobre tudo o que a gente que é ator social sou eu nesse mundo?

O teatro me levou ao Candomblé, do qual hoje sou iniciado, filho de mãe Beata de Iemanjá do Ilê Omi Oju Aro, e filho Adailton de Ogum, que esteve aqui, que foi maravilhosa sobretudo, principalmente bem como a mesa de dia de hoje das mulheres que foi emocionante!

E o que eu quero dizer nesse sentido é que quando o teatro me traz a perspectiva da do movimento cultural, eu vou perceber que eu sou negro. Isso aos 18 anos de idade. 18 anos passaram para saber que eu era preto. Eu sabia que eu era macaco, o que eu era tiziu, que eu era nu, que eu era King Kong, que eu era

o Maguila gorila, que tinha o desenho de antigamente, então todo preto era Maguila, mas que era alto.

Eu sempre fui alto, eu sabia de tudo isso, mas ninguém me falou "Cara, você é negro, preto, você é descendente de reis, rainhas, toda aquela coisa gostosa que hoje é muito mais acessível para os nossos jovens, essas crianças. O cabelo pode ser lindo, não é cabelo duro, cabelo ruim, seus lábios são bonitos, não é beiço, não é beiço, não é esse o trato. Eu só fui reconhecer na maioridade, atingindo a maioridade. É quando eu sou atravessado pelo teatro, pela arte, pelo movimento cultural de Nova Iguaçu, né? Eu vou romper não com uma sociedade sim, com a primeira sociedade que a minha família, a minha ruptura se dá no meu seio familiar.

Óbvio porque o racismo vai se estruturar sob tudo, principalmente para nos detonar. E a primeira detonação é exatamente familiar. Esse senso de família é muito recente para meu espírito. Essa ideia de família é uma construção muito nova em termos de histórico, em termos de sociedade, é novo, é recente, historicamente demais. A gente tem a nossa família como nossa base de criação, de processo educativo, afetivo e tal. Mas ao mesmo tempo é onde o racismo de vai estar ali estruturado pelo branco, pela sociedade branca racista e que vai dizer para nós que temos que ser assim, assado. E quando a gente não quer ser assim assado de quer ser mais grelhado, tá bom, então você está fora desse contexto.

E aí eu me coloco fora desse contexto, contexto familiar que eu digo. É a minha primeira ruptura na minha família, que, hegemonicamente evangélica, está até começando a se unir, mas profano, hegemonicamente evangélica, minha família. E aí você tem um cara que não vai ser mais evangélico, testemunha de Jeová, vai ser um cara que agora se reconhece preto, vai para a Marcha dos 300 anos de Zumbi em 1995. Do que eu vi, que foi o meu primeiro contato com o movimento negro que foi em 88 e dos 100 anos da Constituição. E eu estava lá com 18 anos de idade. O Haroldo falou vamos nessa! O garoto cheio de negão brabo, eu falei "Caramba, esse cara que eu quero ser" esses caras que eu quero ser fora da de dos bancários lá naquela época.

E aí, cara, eu fui encantado e cheguei lá, eu vejo só preto, preta, rasta, black. Não era mais cabelo duro, não era mais cabelo ruim, era grosso. Eu quero isso pra mim. Foi quando eu comecei a fazer dread. Nunca mais. Só tirei quando eu fui iniciado, assim e depois de iniciado falei acabou. Só quem tirou meus dreads. Só que minha cabeça do meu cabelo foi uma banda que já se foi. Ninguém mais vai fazer isso, ninguém tira, porque não é só

cabelo. A ideologia é muita ideologia e muita história, muita perspectiva de vida e não só pra mim, não pros meus filhos, sobretudo e filhas. Então, quando eu estava lá, em 88, naquela marcha que o Exército proíbe, fala que não vai passar e eu absolutamente encantado e falando de zumbi, eu falo isso na minha dissertação de mestrado, fala um pouco da minha tese de doutorado, educação. Eu conto essa autobiografia rapidinho, porque foi importante. É importante falar disso. É importante eu trazer essa afirmação, sabe?

Sério, não estou criando narrativa não. Eu ficava olhando pros lados. Vi hoje só gente preta, mas gente preto, numa outra perspectiva, gente linda, mas mulheres, homens lindos, cara e o caramba. É possível. Era muita gente e até que foi barrado. Não podia passar ali daquele monumento de Caxias na Central.

É isso que é. E eu lembro que você me dá matador de preto. Você estava lá, com certeza. O matador de preto matador. O novinho é o cara mesmo que não sabia que Caxias era todo de preto, levou Zumbi vivo, sabia que era zumbi, que eu estava no fluxo.

E aí o processo educativo do movimento e é a grande grandessíssima Nilma Lino Gomes fala isso no seu livro "O Movimento Negro que Educa", não sei se é seu título, mas é Movimento Negro Educador. Obrigado Bandeira e ela que lançou aqui na Rural de Nova Iguaçu, adquiri o livro, óbvio. E é um livro maravilhoso e exatamente, eu me identifiquei quando eu vi ela lançando o livro na Rural com pessoal.

Tá aí a pessoa do lead, porque ela foi falando do movimento educador movimento negro, educador que é, educou e educa. E eu fui educado também por esse movimento educador, movimento negro, educador, porque eu só fui saber de toda essa história a partir dessa militância de toda essa história a partir dessa militância, e eu só cheguei nessa militância a partir da arte. Mas que arte eu tô falando? Contemplativa? Não. Eu tô falando de entretenimento? Não. Eu tô falando de uma arte que é intrínseca a minha vida.

É o teatro que nunca acaba, é o teatro sem fim, como dizia Zeca Ligero. É o teatro sem fim. Porque ele vai estar trazendo pra mim uma perspectiva, uma amplitude, amplia não só meus horizontes, meu ori, minha mente, mas ele amplia e multiplica também meus braços, e onde eu posso alcançar não é mais aquele lugar pequenininho do aprender a ler e escrever para não puxar carroça. Dá para aprender a ler, escrever, declamar, criar, interpretar, produzir, estudar, lecionar, dar tanta coisa que é possível, mas essas possibilidades nasceram imediatamente. Elas foram absolutamente formativas, um processo de formação,

um processo educativo. E é isso que eu digo, esse movimento negro, a partir do meu encontro com a arte, que me leva a esse movimento, que me leva a me enxergar enquanto uma pessoa preta, um homem negro, que me faz chegar em 1988 a marcha contra a farsa da abolição e que pra mim foi extremamente educativa, pra mim é o marco da minha vida ali, dali pra cá. Sabe? Esse processo educativo começa ali pra mim. E é o movimento que vai me trazer isso, o movimento cultural, o movimento negro, as perspectivas que a arte, o leque de possibilidades que essa arte vai me apresentar. Então, passa alguns anos, eu vou em 95, eu já vou estar engajado na minha luta, na minha estética do ponto de vista filosófico mesmo, preta, e votar nos 300 anos de Zumbi lá em Brasília, e foi uma coisa engraçada, e vale a pena contar essa história, uma história baseada em fatos reais, é real, porque eu estava lá na Lapa naquele momento, eu não ia para Brasília, imagina, eu não tinha nem projeto para isso, porque eu não achava que tinha que ter grana, eu muito duro, isso em 1995, aos 25 anos de idade, eu estava na Lapa enchendo a cara com a minha rapaziada, eu estava com o meu amigo, o Jamaica, o padrinho da minha filha Morgana, e estamos lá, estamos de bobeira, bacana, e daqui a pouco o cara chega e fala, pô meu irmão, tem um ônibus saindo para Brasília! 300 anos de Zumbi! Tem vaga, pô tá cheio de vaga, pô naquela época eu não tinha celular, não dava para ligar para minha mãe, não tinha telefone em casa, telefone era coisa de rico.

E eu falei, pô cara, não sei como é que eu vou fazer não, mas minha mãe vai ter que entender. Naquele momento eu já estava morando de volta com ela, né, outro momento histórico. E aí eu entrei no ônibus e fui para Brasília, saindo da Lapa. Estava bem, vamos dizer assim, bem preparadinho, né? E pegamos a estrada à noite, chegamos na Brasília de manhã. E quando chegou em Brasília eu acordei uma ressaca dela e falei, o que que eu estou fazendo aqui? Rapaz, eu estava na Lapa, gente. Mas foi um momento engraçado, bacana, mas foi um momento também de muita aprendizagem e também definidor de águas. Porque quando chegou em Brasília…

A gente foi se articulando com outros agentes, outras pessoas, conheci gente bacana e fui entendendo qual era daquela marcha, o que estava significando ali, muito embora eu não estava organizado, no sentido de ter ido com o movimento, não, mas eu estava lá e vi aquele mundão de gente em Brasília, gente preta, e o marco inicial das nossas conquistas, das nossas lutas, também se dá naquele momento, dos momentos históricos da minha juventude e que vão me constituir enquanto

homem preto, enquanto ser artístico, enquanto dofono de Xangô, enquanto Marcos Serra, enquanto tudo isso que me atravessa, que não são máscaras, mas são sim identidades. E não é uma, nem duas, são várias identidades, e sobretudo essas identidades que me foram possibilitadas de pensar a partir da arte, a partir do movimento cultural, a partir do movimento negro, a partir de toda a perspectiva de ser uma pessoa, uma pessoa, uma pessoa.

Remetente **OBALERA**

E eu achei interessante porque esse tema tem o título que se chama Epistemologias Encantadas, né? E eu tenho na minha memória de infância o quanto as ruas, as encruzilhadas, que são muitas dentro da Índia, eram encantadas, né? Encantadas pelos ebós, pelas oferendas, dedicadas a muitas divindades né? E o quanto que a Índia, São João de Meriti, esse pequeno território vem se desencantando. É muito importante que a gente não se esqueça, com o passar do tempo e o processo crescente de evangelização. Evangelização essa que não começa hoje, não começou na década de 70, vem de desde sempre. É sempre bom a gente lembrar que não existe colonialismo sem a igreja, não existe igreja sem o colonialismo. A Igreja essa católica, evangélica, não importa.

E eu fiquei pensando um pouco o que eu poderia estar trazendo para esse diálogo, e, sobretudo, pensando como falar de epistemologias encantadas ou qual o lugar da epistemologia encantada, ou seja, essa forma de conhecer que encanta a si e ao seu território num contexto onde a gente tem milhares de mortes evitáveis pelo Covid -19, aonde a gente tem novamente

e volta a se falar de maneira intensa sobre a fome que se abate a população brasileira, uma semanas depois da chacina do Jacarezinho, com a invasão de terras indígenas, né? A gente sempre lembrar, não esquecer o que recentemente aconteceu nas terras Yanomami, em Roraima, o Manduruku no Pará… O que aconteceu no domingo com a motocarriata, né? Que é um escárnio à morte de hoje mais de 450 mil pessoas…

Enfim, eu fiquei pensando um pouco como relacionar isso a esse lugar da arte, da educação, sobretudo num momento histórico que no Brasil e no mundo, de um modo geral, sobretudo no Ocidente, vem intensificando essa lógica de antivida e reafirmando essa relação de promotor da morte. Teve uma outra poesia que eu escrevi há um tempo atrás que, dentro desse contexto, eu pensava, me questionava. Humanos o são? Nesse sentido, invertendo a marca, uma das marcas da escravidão e do colonialismo, que é exatamente retirar, negar a humanidade aos povos africanos e indígenas. A tal ponto que, nessa lógica de silenciamento, a gente não pode falar nem o próprio nome.

Eu me recordei de uma passagem do Ailton Krenak, que é uma grande liderança indígena, num livro que ele escreveu recentemente, é o Amanhã Não Está à Venda, ele diz alguma coisa assim, tomara que não voltemos à normalidade, pois se voltarmos é porque não valeu o que a gente está fazendo, a gente está fazendo o que a gente está fazendo, e não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Eu acho que essa é uma frase muito forte, porque passados mais de um ano de pandemia, o que eu vejo aos meus olhos, o que eu sinto, é essa busca incessante da volta à normalidade.

E, novamente, eu penso, né, o quão é interessante estar aqui, em Caxias, falando de epistemologia encantada, do lugar da arte e educação, nesse encantamento da vida, né? E a pergunta que eu me faço, né, dentro desse diálogo, ou melhor, me parece que, para que a gente não volte à normalidade, é efetivamente necessário radicalizar e tomar como centralidade, né, a necessidade de encantar o mundo. De encantar o mundo, mas em que sentido encantar o mundo? Ir ao encontro é se apropriar, é se reapropriar, é se assumir como centro.

As contribuições especificamente filosóficas, políticas, culturais, poéticas das populações negras e indígenas. É retirar o ocidente, é retirar a cultura branca do centro das possibilidades de pensar um outro mundo. Um outro mundo é possível? Eu acredito que sim. Mas um outro mundo só é possível na medida em que a gente desloca a cultura ocidental como a única possibilidade de pensar e construir outros mundos.

Eu, aqui, evoco o ritmo do aguerê, tá-tá-tum-dum, tá-tá-tum-dum, que é no toque de Oxossi. Gostaria de compartilhar que, pensando exatamente na possibilidade de outras epistemologias encantadas, não contar, mas pincelar, devido ao tempo, é um Itã muito famoso, muito cantado, ou seja, um Itã, uma narrativa mítica, muito contada, vivida, experimentada dentro dos terreiros, sobretudo dentro dos terreiros de Candomblé, Keto e Nagô, em que narra uma passagem em que se abatia sobre as terras de Keto um grande pássaro, e que esse pássaro, ao chegar, tinha desarmonizado todo o seu território. O Alaketu, ou seja, o rei, convidou três grandes caçadores para que pudessem, enfim, espantar, combater aquele pássaro que estava produzindo a desarmonia, produzindo morte, produzindo toda sorte de coisa ruim. E os dois primeiros, para ser bem breve, os dois primeiros caçadores não foram bem sucedidos.

Então, foi chamar o terceiro caçador, quase que sem esperança, porque era o caçador mais novo, a modé, o pequeno caçador. E esse pequeno caçador, diferente dos dois anteriores, antes de enfrentar o grande pássaro, consultou um babalaô, consultou o oráculo, consultou os ancestrais, foi para o meio da mata e prestou todas as reverências, os ebós necessários, se silenciou dentro da mata, se conectou e ouviu e escutou a terra falar.

Feito isso, acho que vocês já imaginam o que aconteceu, o pequeno caçador, o caçador de uma única flecha, atirou e acertou o coração desse pássaro. Esse Itã é muito mais complexo, mas cheio de histórias, enfim, eu gosto muito dele porque ele nos ajuda a pensar exatamente o poder. Pensaram em alguns aspectos, o primeiro, pensaram o lugar de como as culturas africanas, e eu posso dizer com muita tranquilidade, as indígenas vão no mesmo sentido, né? Tem relação de equilíbrio com a própria natureza, de uma relação de convivência com os ancestrais, de comunicação. E o quanto que a magia, esse encantamento, ela é poderosa, porque é o ebó, são as oferendas, é o escutar a terra, é o escutar os ancestrais que possibilitou e que fez a diferença em relação aos outros dois caçadores.

Me parece que essa história nos ajuda exatamente a pensar a centralidade da necessidade de voltar ou retomar ou restituir essa que seria essa forma de conceber e de se relacionar com o mundo que se dá de maneira encantada, se dá de maneira não objetiva, não tecnocrática, que visa a maximização de lucro em detrimento da vida. Pelo contrário, é uma lógica que preza e só concebe sentido a partir de uma relação em que ela se busca harmoniosa, em que ela se busque ampla.

Não uma cosmovisão, diria Oyèrónké Oyèwùmí, para fechar aqui,

que é uma grande filósofa yorubá. Não uma cosmovisão, mas uma cosmosensação. Ou seja, a possibilidade de compreensão do ser humano que parte pela sensação de compreensão de uma humanidade que se estabelece numa relação não só com o humano, mas com tudo que está à sua volta.

Com todos os outros sentidos. E não voltar à normalidade, nesse sentido, está relacionado exatamente a essa possibilidade de uma cosmosensação, essa possibilidade de se fazer como o pequeno que se tornou o grande caçador. Porque, se até o grande caçador, Oxóssi, fez o que fez, quem somos nós para não fazer, né? É Oxossi nos ensinando e nos dizendo uma possibilidade de caminho. E mais do que Oxóssi, porque não é Oxóssi que nos está dizendo somente. É uma forma de conceber o mundo, é uma cultura, é um sistema cultural, filosófico, político, que está indicando outras possibilidades. E não por acaso, por ela apontar outras possibilidades Acho que ela é tão perseguida, demonizada, massacrada. Então, enfim, queria deixar um pouco essa reflexão para pensar o que significa um dos caminhos possíveis para efetivamente a gente concretizar o que poderia ser e o que é são essas epistemologias encantadas.

Remetente **TABAJARA**

Eu estou com 74 anos. Saí da minha aldeia pro mundo com 20 anos de idade, sofri muito no mundo porque eu não sabia... Meu português era muito fraco, né? Eu sofri muito, a exclusão, a discriminação. E sou, bem dizer, analfabeto.

Mas digo a vocês que o mundo foi a minha faculdade, a escola da vida. Aprendi muito com o mundo, meu pai e minha mãe que morreram com 90 anos de idade, há 3 anos atrás, me ensinaram muito.

Filho, você leva com você duas coisas só e persevere nisso. Tenha com você o respeito e o amor. Onde não existe respeito, não existe amor. E onde não existe amor, não existe respeito, tá? Isso é o que eu procuro, procuro pôr em prática, durante a minha vida.

Eu sou índio, eu não tenho vergonha de dizer, sou selvagem e sou cidadão. Selvagem por quê? Agradeço o pai Tupã que eu tenho duas culturas, conheço duas culturas, a cultura da selva e a cultura da cidade grande. Eu tenho cidadania dupla.

Selvagem porque meu nome é Akasuita Bajaratateba, que é meu nome original, meu nome selvagem, vamos dizer assim,

selvagem. E aqui, Raimundo Ambroso Nascimento era minha antiga identidade, porque a exclusão que nós sofríamos, nós não podíamos deixar de registrar com o nome original, tinha que ser com o nome português, obedecendo as hierarquias de Portugal. Nome de santo, São Raimundo.

Eu recorri à justiça, fiquei três anos lutando, mas a justiça deu os meus direitos: cartão de idoso. Outra coisa também, para eu tirar a minha identidade original de cocar, foi o maior trabalho que tive. A exclusão que eu senti, que eu passei, se não fosse a justiça mandar um ofício para eles, eles não tinham tirado. Então eu sou o único índio no Brasil que tem cidadania dupla com a sua cultura original do documento. Até meu Rio Card, tem tudo aqui. Isso eu agradeço muito a Deus.

Porque por eu ser analfabeto, eu descobri que a Constituição me dava esse direito. Aí eu fui e recorri. E hoje eu sou feliz, gente. Eu sou feliz por dizer que sou selvagem. Porque conheço duas culturas. A da selva e a da cidade grande. A da selva é muito difícil e é mais fácil também pra gente. Pra saúde é melhor. Todas essas plantas que eu tenho aqui eu trago da selva. Conheço toda a maldade da selva e toda a bondade e toda a defesa que existe na selva.

Restauradora das energias: uma garrafada que eu faço que contém ginseng, marapuama, catuaba, guaraná, maca peruana, tribos terrestres, mel de abelha, que só eu aqui no Rio de Janeiro tenho mel de abelha puro...

Então essa é a garrafada que eu tomo. Fizeram uma reportagem comigo lá na minha oca, eu não vou falar o nome da emissora porque senão eu vou fazer propaganda para ela. A reportagem botou o nome dessa garrafada de Restauradora das Energias. Vocês irão me encontrar na Rodovia W. Luís, a oca do índio, Frango Dourado, aqui perto de Santa Cruz da Serra, Duque de Caxias. Qualquer criança que perguntar onde fica a oca do índio, todo mundo vai dizer. Outra coisa, condução para Xerém, qualquer uma condução para Xerém, passa mesmo em frente. Lá vai encontrar muitos tipos de remédios e artesanatos.

Continuando nas garrafadas.

Ultralvário, isso aqui é ultra ovário, tem problema de mioma, essas coisas, inflamação, uterina, tá? Isso aqui é o curo mesmo, joga pra fora mesmo, se tiver sisto essas coisas, joga pra fora. E essa garrafada aqui é ultra ovário, tá? Isso aqui tudo é feito por mim, eu garanto, ela é abortiva, tá, mas é fraca. Tem outras pior, tá? Outra coisa, essa daqui, é aqui pra reumatismo, coluna, artrose, osteoporose, tendinite, tendinite, só que eu falo pra vocês, tá? Isso aqui é pra ajudar, porque nós, quando passamos

de 60 anos, tá? Artrose, osteoporose, tendinite, reumatismo, artrite, essas coisas, tá? Que é só pra ajudar, isso aí é doença da... nós velho mesmo, tá bom? Isso aqui é pra ajudar, pra conservar. E antes disso, tomando ela, eu aconselho caminhar de manhã cedo, andar, tá? Caminhar, praticar atividade física, que é o mais importante pra nossa saúde, gente. Atividade física, tá bom?

Atividade física, pra mim, eu tiro primeiro lugar, mas eu treino lá no Arco Metropolitano, eu sou maratonista, já tenho 24 maratonas de 42 quilómetros, 190 metros, 25 São Silvestre, aqui as medalhas que eu tenho, minha primeira maratona de 42 quilômetros, 195 metros, ela é aqui em 1989, a primeira maratona que eu fiz, toda a vida eu pratiquei esporte, e aqui tem a São Silvestre, eu tenho 24 São Silvestre, maratona, até que tudo é São Silvestre, eu tenho mais de mil medalhas, sou olímpico. Representei aqui em Caxias, acolhia a Tocha Olímpica, que saiu lá do Boulevard, aqui para o centro de Caxias, eu que fiz o acolhimento, eu e outra Índia, dançando, brincando e tudo, tá? Participei das Olimpíadas Indígenas em Palmas, Tocantins, tá? Corri lá, 10 km, tem até uma medalha de lá também, eu posso dizer que sou Olímpico. Mas tudo, gente, é agradecer na atividade física, nós não podemos parar.

Levanta de manhã cedo "ah, porque eu não tenho tempo, não". Tempo tem, sim, a gente faz o tempo, não é isso não. Agora nesse frio. Eu duvido todo, eu acordo todo dia 4 horas da manhã, eu duvido todo dia 4 horas da manhã em ponta, eu tomo meu banho frio lá fora, lá nas minhas palmeiras e no meu quintal, tá? Tomo o meu banho friozinho, friozinho. Se eu não tomar aquele banho, não tem dia para mim... Eu tenho chuveiro quente, mas meu chuveiro quente acho que está enferrujado lá. E outra coisa, alimentação, minha alimentação adequada, tá gente? Que que nós temos que fazer? Eu vou para a minha aldeia, lá vou buscar vida, lá tem alimento gostoso, tá?

Eu posso falar, porque eu conheço muito bem o Rio de Janeiro, porque há 54 anos aqui, conheço o Rio de Janeiro todo. Nossos índios lá, lá eles não comem esses frangos que nós comem aqui não, gente. Comem não. Um turista chega lá com a bolsa de frango, desses frangos que nós comemos aqui, tá? Dá para eles lá, tá? Eles recebem porque eles são educados, tá rapaz? São educados.

Eles saem jogando tudo para os porcos, para os cachorros, não comem não, de jeito nenhum, não. E para completar o que eu estou falando vocês e acho que é verdade, porque nós vamos entrar no açougue desse aqui, no mercado desse aí, quando nós vamos chegando perto do açougue, nós recebemos aquela

catinga de podre, gente. As carnes vêm tudo lá para nós e o almoço é feito, se sobra, porque lá sempre tem as coisas que plantam lá, que o índio vive da caça, da pesca e do plantio.
O que sobra bota para os porcos, quando é de tarde a janta feita, quentinha, natural, natural. A gordura que a gente usa lá mais é a gordura do porco caipira. Então a caça do caetiturco, caetiturco, que é o javali, eu quando eu vou para lá vou matar a minha saudade de caçar, porque eu tenho o direito, dado pela justiça, a Constituição Brasileira, ela diz, o índio vive da caça da pesca dentro da sua reserva. Mas eu, como sou um índio em trânsito, qualquer um estado do Brasil, que eu chegar, eu tenho o direito de caçar. Eu posso caçar com arma de fogo. Se eu caçar com arma de fogo, sou enquadrado na mesma lei do branco. Mesma lei. Então a gente tem essa facilidade.
E outra coisa, sinusite, remédio para sinusite, ela pode ser crônica, ela pode ser crônica do jeito que for. Se fizer do jeito que eu indico, com cinco dias ela está pronta, com dez minutos quem faz isso aqui, quem tem sinusite pode ser crônico do jeito que for, tá? Faz só isso aqui, fecha um, isso é até um calmante, quando eu estou lá na minha lojinha lá, que eu estou nervoso e tudo, né, porque tem freguês que eu vou dizer, se não fosse, no começo a gente ia dizer, mas é a favor, aqui ó, vai lá em cima.

Quem tem sinusite daqui a pouco começa a espirrar, começa a florchar com 10 minutos ele começa a florchar, porque sinusite é o seguinte, é um catarro que fica preso aqui, aquele catarro apudrece, coitado do companheiro que dorme com aquela pessoa, quando é de noite, meia -noite sai aquele mau hálito, aquele mau hálito da pessoa, e isso aqui mata. Agora, o segredo que tem aqui, o principal é a buchinha do norte, aqui tem 10 buchinhas, é a buchinha do norte. Aí vem o eucalipto, vem burana de cheiro, vem outras coisas, e com álcool, tá? Aí isso aqui é gostoso, hein? E outra coisa, hein? Até pro corona isso aqui é bom, porque isso aqui a gente usa muito álcool, né rapaz? Isso aqui o álcool vai logo lá no pulmão, só tá bom quando a gente chora.
Outra, a catuaba gente, que é a casca da catuaba, tá? Essa aqui faz milagre, hein? É o que tem nessa garrafada aqui, tá? Ali na Serra de Petrópolis tem muita, tá? E outro lugar por aí. Olha, tem muitas plantas que eu estou falando aqui, é que certas regiões não tem, certas regiões não tem. Por exemplo, lá no Nordeste, lá no Nordeste tem tipo de planta lá que aqui no Rio de Janeiro não tem,. E aqui no Rio tem um tipo de planta que lá no Nordeste não tem. Aqui no Rio tem tipo de planta que lá na Amazônia não tem, na floresta da Amazônia não tem, lá no Nordeste não tem e tem muitas plantas.

Primeiro que as plantas do Nordeste, por causa das secas que existem, são plantas que são resistentes. São muito resistentes à seca. Nós índios conhecemos muita planta que os brancos conhecem por outra planta. E até na internet muda também. E nós já conhecemos outro nome. Uma planta muito importante também, essa aqui, amarga muito. Amarga mais do que a vida que ganha o salário mínimo agora. É o pautenente, tá gente?
O pautenente é muito procurado para diabetes também. Para vesícula não tem melhor. E o fígado também.
Igual o nosso boldo, tá? Só que isso aqui tem que ser feito em fusão, tá? O pautenente tem que ser feito em fusão em fusão, em fusão como é aquilo que eu falei, tem muitas plantas aqui se é de fazer chá, faz em fusão bota ela em dois litros de água ou no lito, tá? e bota, pode até botar na geladeira, isso aqui é bom botar na geladeira, tá? Tomar três, quatro vezes ao dia isso aqui, o moim desse aqui, ó o moim desse aqui amarga pra caramba bota na geladeira, com duas horas você já pode tomar ele já tá amargando aí você pode tomar direto também, tá? Duas, três, quatro, cinco vezes ao dia.
A camomila é calmante também, tá? Ela é calmante, é uma das plantas que mais vendem, tá rapaz? E cheirosinha, dá vontade de cheirar logo, tá? Aqui é a aroeira. A aroeira é uma das plantas muito procuradas pelas mulheres também, ela é cicatrizante, tá rapaz? Essa garrafada o teu ovário contém aroeira, bapatinom, agoniada, almexa, almexa isso tem lá no norte, almexa, cipomilome. Cipomilome diz os especialistas aí que ele cura até câncer, né rapaz? É uma das plantas mais amargas que existe.

Remetente **PACARI PATAXÓ**

Um trabalho, uma fala, um ritual, a gente sempre tem o nosso canto, a nossa oração, que é uma oração diferente, né? E é falando sobre a natureza. Eu vou fazer aqui esse canto, não sei se pode, se a Gilmaracá vai interferir no som de algum, um som aí de vocês aí no microfone aí, se vai interferir em alguma coisa. Baixute na Arnã, Campo Canharé Arnã, Petoim, Purrui Arnã, Petoim, Acuã Arnã, Petoim, Sará de Arrabi, Cotiraré Carrabi, Chê, Siratã Carrabi, Chê, Siratã Carrabi, Chê, Siratã Jahauípe, Apoioípe, Mayoncque vem dizer oração, que é assim, ó:

"Na minha aldeia tem beleza sem plantar. Eu tenho arco, eu tenho flecha, eu tenho raiz para curar. Viva Tupã, viva Tupã que nos vem trazer raiô."

Bom, eu fiz o canto, é uma oração de proteção, e vou começar falando sobre o maracá. O maracá é um instrumento tradicional de vários indígenas, e esse aqui é um maracá pataxó. Esse maracá serve como comunicação, os professores usam também em sala de aula, e as nossas lideranças usam também na nossa roda de conversa na aldeia. Quando a gente está em reuniões, quando a gente está discutindo algum assunto da aldeia, é usado o maracá,

que quando alguém quer falar, quer dar uma opinião.
Aí quem quer falar, ele sacode o maracá. Aí o Cacique, o Pajé e outra liderança entende que aquela pessoa quer falar. Dá sua opinião. E em sala de aula, o professor usa o maracá quando o aluno está fazendo barulho, tirando a atenção do coleguinha. Aí o professor usa o maracá. Aí a criança, o aluno entende que está pedindo silêncio. Ou usa a palavra murici. Murici também significa silêncio. Eu vou mostrar isso aqui. Ele é um apito que nós chamamos de repitioi. Ele faz vários sons de pássaro. E eu vou fazer aqui para vocês alguns sons que são assim.
Então, esse aqui é o som de passa, é um apito feito com um bambu e aqui tá escrito o nome Pataxó. Agora eu vou falar pra vocês o que significa o nome Pataxó. É nós a gente era chamada de povos ou originários da terra e como os mais velhos saiu da da floresta pra ir pra beira da praia para apreciar a noite de lua cheia e então o cacique o país é os mais mais os mais sábios da aldeia que a gente na aldeia não tem velho tá gente é sábios porque a gente tem essa essa colocação. Na aldeia não tem velho, só tem sábios.
Então eles observaram, e vocês também podem fazer essa observação quando for na praia, que é isso, que quando vem uma onda do mar bem forte, ela faz pá, e bate na pedra e faz tá, e quando ela volta ela faz xó. Então foi criado em Noite de Lua Cheio o nome pataxó, que significa som das águas ou o barulho das águas, tá bom? Esse é o significado do como foi criado o nome pataxó.
Então aí é muito importante a gente, o indígena nas escolas fazer esse trabalho, é um trabalho de formiguinhas, entendeu? E as crianças de hoje têm umas perguntas muito interessantes, aquelas perguntas se a gente ainda mora em oca, como é a nossa comida na aldeia, pergunta como que a gente chegou até as escolas, entendeu? E aí a gente vai… Ali respondendo de uma forma bem educada também com as crianças, tem que ter muita paciência, porque eu acho que isso é a nossa missão.
E o que me chama mais a atenção é a curiosidade. E a gente fala que hoje a gente não vive mais em oca, mas a gente tem a nossa oca tradicional, onde a gente faz os nossos rituais, o nosso canto, a nossa dança, a nossa fogueira. Mas a maioria das casas hoje na aldeia são construídas assim como a de vocês também, é feita de alvenaria.
Por que isso hoje? Porque antigamente as casas eram feitas de sapê, era feito de piaçava, de pau a pique. Então às vezes as crianças brincando acabavam colocando fogo na casa sem querer, brincando. Tinha muito acidente.

No dia 19 de abril e é um mês que mais o índio é procurado. Então depois que passa o mês de abril, tipo assim, ninguém mais lembra do índio, entendeu? Então a nossa luta hoje, da gente estar falando isso, é que todo dia é dia de índio, todo dia é dia da mulher, todo dia é dia dos pais. Então assim, a nossa luta é pra gente ser lembrado sempre.

Da gente ser incluído aí nos currículos escolares, né? A gente tá lutando pra isso, tem muitos irmãos escritores que estão batalhando pra isso pra tentar criar uma forma da gente ser incluído nos currículos escolares, porque falta isso, né? A presença de algo mesmo presencial dentro da sala de aula. E a gente é convidado mais no mês de abril, entendeu? Passa o mês de abril, mas não procura o indígena, né? Mas tá sendo um trabalho que está tendo uma diferença muito grande a partir desses trabalhos de formiguinhas que a gente tem nas escolas. E aí começou a aparecer também, ó, já outros convites fora do mês de abril para as escolas. Então, é um trabalho assim, de paciência, entendeu? Tem que estar presente nos lugares pra tá falando, mas tá, um pouco tá, tá surgindo. Eu lembro que em dois mil e sete, quando, né, a partir de dois mil e seis, dois mil e sete do Movimento Aldeia Maracanã, que o indígena foi sendo assim, tendo uma visão mais ampla dentro do estado do Rio de Janeiro, entendeu? A partir do movimento Aldeia Maracanã, o indígena começou a ter uma visibilidade melhor, entendeu? No estado do Rio, porque aqui o Rio de Janeiro conhece mais os parentes que os Guarani, né? A Tamiquã sabe disso, mas é os parentes Guarani, que assim, que é mais conhecido na região de Paraty. Eles realmente são dessa região, e o Pataxó não, o Pataxó tem o Guajajara, tem o Funiú, o Pataxó é da Bahia, o Guajajara é do Maranhão.

Tem o funiô que é de Pernambuco, então hoje tem muito essa presença dessas etnias no estado do Rio, então está ganhando essa visibilidade. Então hoje tem o Pataxó, tem o Guarani, tem o funiô, tem o caigangue, tem o guajajara, tem vários outros, tem baré, entendeu? Tem várias essas etnias no estado do Rio, então está ganhando uma visibilidade muito boa.

Hoje na sala de aula, na nossa aldeia, a gente também tem incluído também na sala de aula o Pachorrã, que é a língua materna do povo Pataxó, onde as crianças desde cedo já aprendem onde as crianças, desde cedo, já aprendem a falar o seu idioma, o seu conhecimento, do povo pataxó, e tem incluído também, dentro da sala de aula na aldeia, já essa matéria, que é o pátio rã.

E de tudo isso, o mais interessante que eu acho é que as pessoas que não são indígenas, que hoje também estudam

dentro da aldeia, que o cacique, lá os outros lideranças, abriram esse espaço, porque em torno da aldeia tinha muitos filhos de não indígenas que não tinha escola para eles estudarem, entendeu? E só dentro da aldeia tem essa escola, que é até o terceiro ano do ensino médio.

E aí a liderança se reuniu e falou assim, não, a gente tem que abrir espaço também para as pessoas estudarem dentro da aldeia. Não só indígenas, mas a educação é para todos, então abriu esse espaço e hoje muitos não indígenas também estudam dentro da aldeia, pessoas que moram em torno da aldeia, próximo.

E o legal é que quando eles vão na formatura, eles também se trajam como se fosse indígena, é uma forma de ter essa troca de reconhecimento, eles se caracterizam quando chega a formatura, assim como se fosse um indígena também, uma forma de agradecer essa abertura dentro da aldeia.

Então, eu vou falar do cocar, entendeu? O coca,r nós chamamos de o aratacá. Muitas, o aratacá, tá bom? É o cprar. Aqui pra gente é um adereço sagrado, tradicional, é o indígena, ele sempre tem o seu próprio adereço e tem, mas tem outras pessoas não indígenas que adquirem também o aratacá.

Remetente **PAULÃO KIKONGO**

Eu reinvento outros mundos! É por isso que a capoeira precisa contribuir com esse diálogo, não é cantar música por cantar, não é falar por falar, não é jogar por jogar, o jogo também tem um conceito. Na capoeira você joga com, você não joga contra! Porque a gente sabe - "capoeira é luta de bailarino, dança de gladiadores, duelo de camaradas". Então a gente precisa ter muito cuidado com isso. Porque hoje está num debate nacional inclusive da inclusão da capoeira na escola. Que capoeira é essa que vai estar na escola? Aqui nós falamos de mata, aqui nós falamos da confecção do berimbau, aqui nós falamos do baobá, aqui nós falamos do ritmo, da musicalidade. E será que nós, na prática da nossa capoeira, utilizando a oralidade, utilizando a musicalidade?

A gente traz o diálogo com essas questões, com a questão da religiosidade, mas não religiosidade pela prática pessoal, mas uma desconstrução do discurso de que tudo que vem do negro, que vem da negra é demônio. Então, é muito fácil fazer esse discurso e demonizar as nossas culturas. Mas aqueles mesmos que nos demonizam ganham muito dinheiro no carnaval e quem faz a festa somos nós, negras e negras. Esses que nos

demonizam ganham muito dinheiro no jazz e a gente continua, muitas das vezes, em função da pandemia, fazendo fila, como foi lá no Mato Grosso do Sul, para pegar osso do açougue, num estado que é o maior importador de carne do Brasil.

Então a gente precisa entender que conceitos que a gente traz de ancestralidade, que conceitos que a gente traz dessa ginga, dessa roda, desses valores civilizatórios para a prática da capoeira. Será que nós estamos preocupados, por exemplo, na preservação da natureza? Para fazer um berimbau, a gente precisa de coisas que são importantes. Uma cabaça, nesse caso aqui, o cabaceiro amargoso, que é da família da abóbora, mas que poderia ser também o coite, que nasce numa árvore. A madeira, será que a gente está preservado com a sustentabilidade dessa madeira? Inclusive a proposta de sustentabilidade da beriba, porque o que a gente tem hoje, desde 2018, aumentou em 65 % o desmatamento na Amazônia, que é considerado pulmão do mundo. Será que a gente tem contribuído nesse diálogo de se pensar na construção do berimbau, de replantar o que a gente colhe?

Será que há outra alternativa, por exemplo, na escola de se construir um instrumento quando muitas das pessoas que ali estão vão estudar mais até por cada merenda do que o aprendizado? Porque é uma realidade social que a gente vive, porque os pobres são taxados nesse país. Então, por exemplo, uma caixa de leite que está cara, ela pode ser transformada no caxixi, pode ser transformada na cabaça, um balde pode virar uma cabaça. E aí você pode trazer um diálogo e pensar, por exemplo, na preservação da natureza, porque um plástico, um balde de plástico, ele dura milhões de anos na natureza. Então a gente precisa trazer esses conceitos dos valores civilizatórios e dialogar com a natureza, porque a natureza é a que nos dá tudo.

“Berimbau pediu, vamos escutar, não polua nossa água para a vida preservar. Berimbau pediu, vamos escutar, não polua nossa água para a vida preservar. Seja consciente, percebendo o que tu faz, poluindo a nossa água está matando os animais. Poluindo a nossa água está matando os animais. Berimbau pediu, vamos escutar, não polua nossa água para a vida preservar.” E essa música foi feita onde? Eu dou aula de Capoeira em Guapimirim. Primeira área de proteção ambiental do país nasceu em Guapimirim. Em 1984, a comunidade que eu dou aula são pescadores artesanais.

São catadores de caranguejo, só remanescentes do quilombo de Maria Conga. Então eu preciso trazer a história dessas comunidades para a minha prática no cotidiano. Se eu não disser

para o camarada, que é pescador artesanal, que é uma população tradicional nossa também, que está aí protegida pelo Decreto 6040-2007, que trata dos povos e comunidades tradicionais, e que trata da capoeira, talvez muitos não saibam, né?

Então a gente precisa dizer para essa comunidade que se ela poluir o manguezal, se ela poluir o rio, ela não vai ter alimento. E a capoeira, ela precisa contribuir com esse debate, na escola ou fora dela, né? Então esse diálogo que a gente está trazendo para vocês é nessa perspectiva, porque jogar capoeira a gente joga todo dia. A gente precisa jogar capoeira, o pessoal me critica muito quando eu falo isso, para além da roda. Porque se a gente estivesse jogando nos meus 42 anos, se eu estivesse jogando capoeira para além da roda, muito de nós não teríamos eleito um governo fascista numa perspectiva de combate à corrupção, né? Hoje o combate não é a corrupção, o combate é o combate para tirar os nossos direitos. Então a gente precisa trazer uma reflexão sobre isso no mundo da capoeira. E aí eu trouxe a oralidade, eu trouxe a musicalidade, que a música também é uma forma de expressão. Nessa pandemia nós perdemos muitos mestres e mestres, aqui no estado do Rio de Janeiro nós perdemos muitos mestres e mestres, perdemos mestres demais, né? E justamente por quê? Será que a gente, enquanto precursor da capoeira, enquanto vamos colocar a palavra assim, zelador dessa capoeira, a gente entende, por exemplo, que o ofício do mestre de capoeira é um patrimônio? Que é um patrimônio a ser preservado?

Será que a gente entende isso? E o que é um patrimônio? A gente precisa entender, nós que trabalhamos com a capoeira, nós que estamos no ensino aprendizado da capoeira, eu não sei inclusive se aqui a maioria que estão conosco, se tiver pergunta eu quero abrir para pergunta pessoal, eu não sei se tem professores ou se são só alunos, mas a gente quer trazer um diálogo de reflexão nesse debate.

Que músicas vocês poderiam sugerir, por exemplo, que a gente ainda hoje canta na capoeira, por exemplo, né? Se essa mulher fosse minha, eu ensinava a viver, dava limão com farinha a semana inteirinha para ela comer. Aí se você não pegar um dos conceitos do valor civilizatório afro -brasileiro, que é a musicalidade, e não há diálogo sobre isso, que nós somos um dos países que mais matam mulheres, e em particular mulheres negras, acho que a capoeira precisa contribuir com esse debate. A capoeira está em lugares que o Estado não entra, não entra porque quando ele entra ele só entra com aparato de segurança, ele não entra com educação, com cultura, com

esporte e lazer, ele primeiro gasta com a segurança para depois inverter o processo e a gente precisa fazer uma reflexão sobre isso, porque nas comunidades tem muito talento e nós estamos lá dentro, então é necessário trazer essa reflexão no fundo da capoeira, o epistemicídio, a homofobia, a violência de todos os gêneros, todas as formas.

Toda tradição não é inventada? Então a gente precisa rever as nossas tradições e pensar a revisão dessas tradições partirem desse princípio que é de trazer à nossa história, trazer à nossa ancestralidade para cada um de nós entender! Quando o aluno chega no nosso espaço ele já vem com a própria história dele né porque mexe capoeira acha que ele é supra sumo e que ele não aprende nada com ninguém graças a Deus eu tô sempre aprendendo… Guimarães Rosa disse que mestre é aquele que aprende.Eu tô aqui para aprender né e é por isso que a gente está aqui nesse diálogo então na prática da capoeira a gente precisa entender que vem essa história na prática do funk na prática do samba tudo bem com uma história. “O negro samba, o negro joga capoeira, Ele é o rei da verde e rosa da mangueira. Será que já raiou a liberdade? Ou se foi tudo ilusão, será?”

Porque muito antes desses livros que a lei 10.639 veio, a lei que traz a questão da história africana e afro -brasileira nas escolas, foi a primeira lei sancionada pelo presidente Lula quando ele assumiu a presidência da república no dia 9 de janeiro de 2013, ele sancionou essa lei. O presidente atual, quando assumiu a presidência da república, a primeira lei que ele fez foi para tirar a cadeira da capoeira, dos quilombolas, da comunidade terreira, do conselho nacional de política cultural. Foi a primeira lei que sancionou em 19 de janeiro. Acabou com os conselhos, os conselhos da salvaguarda da capoeira, que tinha a parceria com o IFAM e os conselhos de direito, os conselhos da sociedade civil que controla esse fazer.

Então hoje o que se faz aqui é o que? Precisamos trazer uma reflexão sobre isso e aí a partir disso, porque antes a gente aparecia na capa dos livros um homem negro amarrado no tronco sendo, levando chicotada. É sempre uma família branca, linda e maravilhosa, representando a sociedade brasileira. Aliás, você sabia que Machado de Assis é um homem negro? Porque no comercial de um banco brasileiro público, pintaram ele de branco. Mas o Machado de Assis foi o cara que criou a Academia Brasileira de Letras. Vocês sabiam disso? Vocês conhecem Milton Santos, o maior geógrafo negro? Quem é aqui do Rio de Janeiro para já passar dentro do túnel Rebouças? Sabe quem é André Rebouças? Um grande engenheiro negro. Maria Carolina

de Jesus. Nós estamos aqui perto de São João de Miriti. Você sabe quem foi um almirante negro? Sabe? Que estava lá na revolta da Chibata: João Cândido!

Aí fica cantando musiquinha sobre a Revolta da Chibata, mas não sabe que ele morou aqui em São João de Meriti, que a casa dele está lá caindo aos pedaços. O que é isso? Estudar, por exemplo, lutas africanas com o mestre cabeleira lá de Brusque, Santa Catarina e outros mestres estudam, né? Mas é importante essa sua pergunta, né? Desconstruir as nossas histórias e fica batendo palma no dia 13 de maio para a Princesa Isabel, que chegou lá no dia 13 de maio por pressão da indústria, né? Que naquela época estava industrializando, fez lá a lei Áurea, só com um artigo. Declaro extinta a escravidão no Brasil. 13 de maio de 1888.

E esse documento, esse instrumento legal não previu direitos, não previu moradia e até onde nós estamos. Quanto homens e mulheres pretas e pretos que estão em cargos de chefia nem nos aparatos de segurança. Se eu fosse fazer uma relação da capoeira com os capoeiristas que tem na segurança pública e nas pesquisas que eu estudo sobre violência, até os que mais morrem na polícia, por exemplo, são homens negros. Porque é eles que estão na linha de frente. Então tudo tem uma relação e aí está institucionalizado, e aí seria muito legal essa pergunta sua trazer, ele pode ter sido um capoeirista, mas eu nunca vi nada escrito sobre isso. O Prata Preta foi, inclusive, a minha pesquisa lá da especialização do IPU é sobre Prata Preta.

Notas culturais sobre a revolta da vacina. Prata, preta ou herói da resistência. Porque, meu irmão, todo mundo fala de nós de forma pejorativa, né? Se fechou o tempo, o tempo está sombrio. Por que não pode estar branquinho, por exemplo? Por que tem que ser tempo sombrio? Não pode ser um tempo branquinho. Por que a vala não pode ser branca? Só pode ser vala negra. Por que a peste não pode ser branca? Aliás, quando a Covid chegou no Brasil, foi por uma empregada que foi lá pra Itália e pegou com a patroa. A patroa está viva, foi a primeira mulher negra a morrer nesse país. Aqui em Barra Mansa, foi aqui no Rio de Janeiro. E a gente inviabiliza essas histórias. E aí eu estou aqui pra contar. Sabe por quê? Porque eu sou lindo, maravilhoso.

É porque eu sei da onde eu vim, aonde eu estou e pra onde eu quero ir. E pros seis filhos que eu tenho, cinco mulheres, eu quero que eles entendam que o país é um país diverso. E pra entender essa diversidade faz -se necessário conhecer a verdadeira história, não aquela história que nos são negado o tempo todo nos bancos escolares que precisa ter lei pra ser contada. Porque eles só querem o nosso voto, eles não querem a gente com poder.

Só querem o seu dízimo, não querem te dar avião e nem casa milionária nos exterior. Eles fazem discurso de negar a vacina, mas tomam a vacina nos Estados Unidos.

Vai só ficar tocando berimbau, levantando a perna pra lá e pra cá? Tive agora uma denúncia imensa sobre pedofilia na capoeira. As pessoas não querem que eu fale disso na rádio capoeira. Que se lasque, meu irmão? Que se lasque? Eu vou falar, se tiver que denunciar, eu vou denunciar, e quem tiver devendo que pague, correto? E por quê? Ou a capoeira, André Lassé, Luís Lopes, mestre de capoeira, mestre em administração, com mais de 70 anos, grande pesquisador da capoeira, principalmente do Rio de Janeiro. Ele diz, eu estou sempre repetindo essa frase dele nas minhas falas, ou a capoeira está na sociedade, ou a capoeira está fora dela. E estando na sociedade, a gente precisa trazer essas reflexões. Tem outros livros, Messe Gato e Acumadre Onça. Olha só que maneiro, cara.

Todo aluno e aluna que chega na capoeira, no judô, na sala de aula pra fazer língua portuguesa, pra estudar geografia, pra fazer educação física, pra fazer ensino religioso que não devia nem ter na igreja, na escola, porque o estado é light, né? Inclusive eu gostaria que você ficasse convidado a ler aí minha pesquisa sobre capoeira no programa mais educação da cidade de Guapimirim, que eu faço uma crítica sobre isso, porque lá tentaram tirar o atabaque da capoeira no mais educação. E aí ela traz um diálogo nesse livro dialogando com os desenhos feitos pelos próprios alunos. E esse é muito bacana, porque ela foi dando voz a quem geralmente não tem voz.

Eu já participei de várias conferências, eu já fui em conferência de juventude que não tinha um jovem para falar na conferência, na mesa, já fui em conferência de mulher que tinha mais homem que mulher para falar, já fui em conferência de negro que tinha mais negro, mais branco para falar do que negro, aliás eu queria aqui aproveitar essa fala porque eu quero fazer uma crítica e usar a fala de uma mulher negra que é referência também para mim, Sueli Carneiro, entre esquerda e direita eu sou negro, valeu galera? Então meu papo é esse, tá? Porque entre esquerda e direita eu sou negro, enquanto eu não for presidente da república, não for o cara da caneta, então eu continuo sendo negro, quando eu for presidente da república da caneta, o gabinete vai ser todo preto de mulheres e homens pretos, entendeu? Porque é isso, porque o poder ninguém quer nos dar, mas nosso voto todo mundo quer, então entre pretos, entre esquerda e direita, eu sou negro.

O discurso aqui é político e não se necessariamente partidário

e olha que eu sou comunista há mais tanto tempo, mais de 20 anos, com carteirinha. Evoluções e desistências, revisões e improvisos, mas também nos levou a um colorido resultado que deixa claro a todos nós que vale a pena estarmos juntos e sermos diversos. É o que eu tenho dito aqui. Algo, aliás, que a natureza sempre nos ensinou e a capoeira ressignificou quando surgiu misteriosamente e transformou a flora e a fauna do entorno em gestual, junto aos belos e raramente reconhecidos ofícios fundamentais para a construção de um povo e seu território. Demos vazão à nossa história oral e ao vasto imaginário que nos envolve enquanto capoeiristas e dependentes de idade. Eu nem vou ler tudo porque aqui já me contei para uma fala que eu quero fazer. Você sabia que aqui na Baixada Fluminense existia uma floresta, não é?

No Rio de Janeiro e nesse Brasil todo, a cada algumas horas, os terreiros estão sendo atacados e destruídos, pais e irmãs de Santos sendo obrigados a queimar seus próprios instrumentos religiosos e tudo mais, e tem um monte de capoeirista que não se compadece com isso. Minha irmã, porque aqueles que se rotulam como traficantes de Jesus, o que ele está fazendo com o terreiro, ele vai fazer com a sua capoeira, com a minha capoeira, se você não botar o rótulo de gospel nela. Então esse também é um diálogo que a gente precisa trazer para cá. Falar de valores civilizatórios afro -brasileiros é mexer, pisar no pé de alguém, porque ninguém quer que nós pretos e pretas, brancos, amarelos, vermelhos contemos as nossas histórias.

A gente toda hora tem que dar, vou fazer um diálogo da capoeira, eu tenho que dar uma bênção pra derrubar a porta, pra ter a oportunidade de contar a história pra vocês. E aí é que eu quero agradecer o Território Baixada, que ousou num projeto como esse, de trazer aqui pessoas que têm história pra, não eu, que eu tô aprendendo ainda, mas em ver Mãe Marli, como tantas outras pessoas que eu vi aqui ontem, por exemplo, e todos os outros que passaram aqui, a prima mandou pra mim as fotos, aquele material todo, e assim eu fiquei maravilhado, sabe? O respeito que vocês têm por essa tradição, por essa ancestralidade, eu não tô só falando de mim preto, homem preto não, eu tô até um pouco branco, né, porque depois eu não pego o sol, mas também tô falando da questão indígena, dos debates, da violência, sabe? Então, são reflexões que a gente precisa fazer. Todos os dias.

Remetente **SILENE RIBEIRO**

Bom dia, boa tarde e boa noite para todos e todas.

Eu quero agradecer muito a possibilidade de estar compondo essa mesa e dialogando sobre a questão é do território da Baixada Fluminense e para mim é muito importante recuperar essas narrativas da minha existência, porque essa existência é perpassado por uma série de existências, outras existências. Eu não posso deixar de fazer uma referência a minha ancestralidade aos meus ancestrais, eu faço parte de um grupo de duas famílias, uma de origem de uma origem baiana que migrou para Baixada Fluminense Duque de Caxias e uma outra família mineira, a minha avó que tem ascendência Puri, isso sempre foi silenciado na família ela veio para Duque de Caxias. E essa presença, minha avó baiana negra e minha avó mineira com ascendência Puri, isso foi fundamental, essas duas mulheres eram mulheres que eram chefes de família, então eram mulheres que se deslocaram para Duque de Caxias em momentos cruciais na vida delas buscando oportunidades para criar seus filhos, oportunidades de uma outra existência,

então é muito importante todas as vezes que eu lembro dessas trajetórias eu consigo perceber como isso foi importante para minha formação.

Eu fui durante muito tempo, marcada e continuo sendo marcada por essas trajetórias e olhando para uma série de processos que eu vivenciei eu pude observar como isso é foi importante nas trajetórias acadêmicas e profissionais que eu acabei escolhendo, eu sou educadora professora, eu tive a felicidade de atuar em todos os segmentos da educação, eu estudei em diferentes escolas da rede pública Estadual em Duque de Caxias no Colégio Estadual Castro Alves, no Colégio Estadual Miguel Couto, depois eu fiz formação no Instituto de Educação Roberto Silveira, e foi justamente a minha atuação na educação básica é que me levou para me ver cidade e pensar as questões que eu penso hoje eu só tenho a tua E durante muito tempo como Como alfabetizar do ano e é muito interessante relatar para vocês que numa das escolas em que eu atuei uma escola municipal em Parada de Lucas eu trabalhei lá por quase uma década é eu não percebia né no ambiente escolar é referências a essa dimensão afro-brasileira e da nossa cultura e foi justamente essas questões que me levaram para a universidade eu fui coçar a história na UERJ justamente é pensando é e como é que essa escola ela não tava dialogando com toda a diversidade étnica cultural que perpassava né a vida dos meus estudantes dos meus das Crianças com as quais o trabalhavam é então é a grande motivação para as minhas escolhas acadêmicas tem a ver com esse cotidiano da escola é ir para a universidade pública para UERJ foi um grande desafio mas eu também observei que na universidade nós tínhamos uma acolhida algumas questões né claro é o espaço acadêmico ele é sempre perpassado por uma série de disputas e enquanto moradora da Baixada Fluminense, Duque de Caxias me pergunto hoje como esse pertencimento era percebido pelos meus colegas… eu me lembro que cursei toda a graduação trabalhando e as pessoas elas achavam isso muito engraçado como é como é que eu conseguia trabalhar e estudar… “Como é que você consegue fazer isso?”, me perguntavam.

Então essa entrada na universidade também é uma forma de ressignificar a trajetória dessas mulheres da minha família… minha avó mineira, por exemplo, antes dela vir para o Rio, era uma cozinheira maravilhosa, ela trabalhou em várias casas de família, durante muito tempo ela atuou na agricultura para produção de café.

Então quando ela vem para o Rio de Janeiro é isso também

ficou muito latente, ela não pôde estudar. Minha avó materna não lia e nem escrevia, logo recuperar isso é muito importante porque de alguma forma a minha trajetória ressignificou a vida dessas outras mulheres. Minha avó paterna, baiana, negra também não lia e escrevia, então é muito importante quando a gente recupera essas histórias, essas memórias. A gente também faz uma reflexão sobre tão violenta lhes foram essas realidades. À elas foi negado o acesso à educação e a cultura, então a minha entrada na universidade mesmo com tantas dificuldades foi uma coisa muito subversiva.

Tem uma história muito pitoresca: na época que eu fazia o Instituto de Educação Roberto Silveira, o dito Ensino Normal, meu pai falou "Na faculdade você vai fazer Pedagogia, tá?! e eu respondi, "Claro pai!". Mal sabia ele que desde o Ensino Fundamental eu já tinha sido mordida pelo pelo amor à História, já era enlouquecida, sabia que o que eu queria era estudar para o resto da vida era História!

Quando fui aprovada para o município do Rio fui dar aula na Escola Joseph Bloch. Meu desafio lá era ligado a uma comunidade que tem muita gente de Vigário Geral, Parada de Lucas e pensava: meus estudantes precisam ter pertencimentos étnicos. Só que a escola era toda decorada com imagens de crianças loiras, então aquilo para mim foi um grande problema porque é a educação precisa ter uma dimensão libertadora, transformadora.

Precisamos valorizar nossas memórias! Foi aí o embate com a direção da escola… eu me lembro que a pessoa que dirigia a escola ela era uma mulher muito interessante. Uma mulher responsável, educadora, que era responsável por essa decoração né?! Ela era uma mulher branca de ascendência portuguesa e ela não via naquela decoração algo errado.

"Olha, eu vou fazer isso mas você tá sendo muito cruel comigo porque eu já decoro a escola assim há 20 anos!", ela teve a coragem e a inocência de dizer isso… Eu fiquei imaginando como que os estudantes, as crianças, não se reconheciam porque o ambiente escolar, a educação antirracista ela começa aí, na forma como eu decoro, como organizo os espaços… Por isso minha sala de aula eles achavam bagunçada, né?

Eu tinha um canto com planta, com pedra, o maracá… e era sempre um problema sério porque alguns objetos eram vistos como objetos que não deveriam estar ali mas tinham que estar! Por conta disso eu arrumei um problema sério! Eu instalei um espelho… e a gente teve que construir todo um sistema porque eu trabalhei durante muito tempo com alfabetização

para colocar um espelho na sala eu tive que criar uma estrutura de segurança para que as crianças pudessem se olhar naquele espelho e irem se percebendo…

Essas discussões e experiências foram fundamentais para o caminho que eu resolvi trilhar que era justamente estudar os povos originários no Rio de Janeiro.

Remetente **IYÁ MARLI**

Bom dia, boa tarde, boa noite a todos! Desejo saudar também aos mais antigos, aos mais velhos, aos mais novos, atores dessa sociedade diaspórica e dessa sociedade diaspórica que é pluriversal e multicultural… então estou muito feliz e satisfeita em estar aqui compartilhando com todos mais uma vez quem eu sou, porque sou e como sou. Eu não sou o que disseram de mim, nem o que quiseram que eu fosse.

E desde criança eu gostava e gostei e gosto de transgredir.

Estou fazendo aqui a minha contribuição: a minha trajetória, a minha ancestralidade para colocar à disposição e contrapor essa história única que inventaram e quiseram nos submeter desde criança. Eu nasci no quilombo porque a gente morava no sítio… minha mãe tem 96 anos e esse sítio esse local né que hoje eu entendo enquanto território ele e ele era compartilhado por várias pessoas de várias gerações e da minha família meus pais são primos então eu tive um marco genético que foi a minha bisavó Augusta Maria Gonçalves.

Parteira, curandeira, catimbeira e grande cozinheira que também dominava como transformar o sofrimento em alegria

através das ervas. Esta menina mulher que eu vivi la com ela também minhas tias, minha mãe é porque nós mulheres sempre fomos é o esteio, a família, e nós mulheres sempre fomos responsáveis pela educação das crianças. Eu fui educada por essas mulheres eu sempre gostei de estudar.

Continuei sempre fui para a escola e a minha avó dizia que eu tinha que estudar ela era analfabeta mas que eu tinha que estudar porque eu seria rainha e que uma rainha tinha que saber conduzir o seu reino.

Sempre atenta a essas questões da nossa cultura e da nossa ancestralidade, do nosso modo de ser bem diferente, de outros modos porque ali quando a gente vivia a gente também tinha o nosso sustento, a gente plantava e criava para nossa sobrevivência e tudo era muito compartilhado. Eu me lembro que a gente criava porco. E aí quando a gente ia matar um porco a gente pegava todas as carnes do porco fazia a banha fazia chouriço e guardava e conservava dentro da Banha até hoje o cozinho com banha de porco é na tradição da minha família.

Eu cheguei a Universidade Federal para fazer o curso de Serviço Social e a minha trajetória de adolescência sempre foi ajudando na cozinha porque todo o nosso ensinamento, toda a nossa experiência de vida que a oralidade nos traz é compartilhar, daí construída dentro do ambiente da cozinha porque ali a gente aprende o valor da comida porque que tem que comer assim, porque tem que comer assado, como é que faz, como é que não faz, porque é que faz e eu aprendi ajudando minhas tias, avós… a tradição da minha família é a cozinha e então a gente era convidado para cozinhar nos casamentos… a minha avó me bisavó ela veio de Minas do Sul de Minas né Carangola então é eu aprendi a cozinhar, eu gosto de cozinhar, e aí é também ouvindo a ancestralidade me foi sugerido que eu optasse pelo curso de Assistência Social, na época era Serviço Social.

Entrei na universidade em 1977 e tinha um bordão que assistente social era moça boazinha que o governo paga para ter dó do povo… aí eu entrei para o movimento social, o político, tanto dentro da Universidade, quanto no movimento negro e daí e eu fui caminhando cheguei na universidade gradativamente também foi crescendo dentro da Cultura, do Candomblé.

Em 1969 no Candomblé aqui na Baixada Fluminense, na Vila Nely, no bairro de Miguel Couto, Nova Iguaçu. Posteriormente ingressei no Colégio Pedro II, eu fui trabalhar com crianças e nesse nessa trajetória eu entendia que o projeto político-pedagógico do Colégio Pedro II era um projeto racista o qual fortalecia o racismo estrutural. Eu não podia concordar com isso, certo?

Modificamos várias legislaturas internas para oportunizar dentro de um colégio público de excelência, a entrada dos nossos. Não tinha que ser só um colégio de elite. Em paralelo a isso eu sempre buscava estudar e entender a nossa cultura negra, trazer a nossa cultura para dentro né para os nossos eu fui buscar um mestrado e ao buscar mestrado porque eu queria discutir o projeto do Colégio Pedro II.

Quando em 2017 eu passei pela porta do IFCS, na UFRJ, o babalaô Ivanir dos Santos me falou: “O seu sonho não é fazer um mestrado? Venha, a estrada irá se abrir”. Eu fui para o IFCS, para os grupos de estudos que estavam sendo formados lá e um, específico de lá, um grupo chamado Filosofia de Ifá eu integrei e me ampliou muito o olhar. Daí eu ingressei em 2018 no Mestrado em Filosofia, na primeira na linha de pesquisa que estava sendo inaugurada em gênero, raça e colonialidade. Foi nesse mesmo Mestrado que eu concorri a um edital para escrever um projeto de extensão para a UFRJ baseado na experiência do meu território ancestral que é lá em Guapimirim.

IMAGENS DO NOSSO QUINTAL

ANGELA
DAVIS

Negros

MINIBIOS ARTISTAS CRIADORES

ANA KARIRI

Professora e arte-educadora, pertencente ao povo Kariri – Paraíba. Atualmente trabalha no Museu do Índio e cursa licenciatura Intercultural Indígena pela Faculdade do Amapá. Integra o Conselho de Cultura de Duque de Caxias, é oficineira do Projeto Redes de Museus e integra o Coletivo Indígena Nacional Tuxáua. Recebeu o prêmio Arte em Movimento - MMMR (Movimento Mundial Mulheres Reais) sendo reconhecida pela luta na arte e na poesia de resistência indígena.

ANA VALÉRIA GONÇALVES

Moradora de Duque de Caxias, fotógrafa formada pelo Senac, jornalista graduada pela Unisuam e pós-graduanda em fotografia e gestão de projetos na FacuMinas. Especialista em registros de espaços religiosos de matriz africana e ensaios externos, colabora na Comunicação da Associação das Escolas de Sambas Mirins do Rio de Janeiro – AESMRIO, através do veículo Cartilha do Samba.

ANNY CAROLINE

É co-criadora do Voz da Baixada, coletivo de mídia comunitária na Baixada Fluminense. Pedagoga por profissão e amante das palavras por diversão. Gosta de conversar olhando no olho e sentir a vida como brisa. Sagitariana serelepe com fé nos propósitos.

DANI FRANCISCO

Mulher e mãe de 2. Nos últimos 17 anos criou e desenvolveu inúmeros projetos autorais e coinventou em rede processos em que a cultura, a criatividade e a educação eram vetores de transformação do mundo. Em 2008 empreendeu a Terreiro de Ideias: Arte, Comunicação, Cultura voltada para processos estético-culturais, pioneira na Baixada Fluminense. Em 2015 co-fundou o Gomeia Galpão Criativo também nesse território. É docente no MBA em Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão, na FGV|RJ. Nos dias atuais se debruça em inventar um novo trabalho aliado a práticas de autoconhecimento e diversas tecnologias sociais, com forte inspiração na cultura popular brasileira. Oferta consultorias e mentorias nos campos da Economia Criativa e de Redes Colaborativas. É jornalista pela UFJF e mestre em Educação pela UERJ.

DONA ALBUQUERQUE

Atriz, cantora e palhaça. Iniciou sua carreira como cantora na igreja, escola e por fim no teatro (onde percebeu o amor pela Arte). Estuda Teatro - Escola Estadual Martins Penna e acredita que música e teatro estão conectados.

FABIO DE SOUZA

Cenógrafo e diretor de arte, já criou para shows, clipes e capas de discos de artistas como Erasmo Carlos, Geraldo Azevedo, Orquestra Imperial, Mariene de Castro, Zé Renato, entre outres; Produtor cultural com 16 anos de experiência como tour manager de diversos artistas e

bandas, também acumula passagens pela produção executiva do Circo Voador e pela curadoria musical do Teatro Solar de Botafogo.

HERBERT CARDOSO / JOMBOH

Editor de Vídeo, fotógrafo e videomaker residente da Baixada Fluminense. É um dos fundadores da Pureza Produções, realizando videoclipes de diversos artistas da BXD. E sendo um apaixonado pelo Audiovisual, sempre acreditou que esse é o melhor meio de expressar tudo o que sente e movimentar o que pensa.

JON THOMAZ

Artista visual, artesão e light designer, fundador da Artefatos Luminosos, um estúdio e ateliê de iluminação artística e produção de luminárias artesanais. Cria de São João de Meriti, Baixada Fluminense, é graduado em Fotografia pela UNESA; formado em Iluminação Cênica pela Spectaculu - Escola de Arte & Tecnologia e CTAC Funarte; e em Cinema & Audiovisual pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, Cinema Nosso, Cufa e Afroreggae. As Artes Cênicas, Cinema, Artes Visuais e Mídias Imersivas são seus principais campos de atuação. Também atua como colaborador técnico em coletivos e ações culturais na Baixada Fluminense e Rio de Janeiro. Atualmente integra as redes GatoMÍDIA, Frente Teatro RJ e Baixada Filma!. 9

KARINY COSTAH

Formada em Artes Cênicas e Dança em 2009. Atuou como Gestora de Projetos para a ONG Cieds e atuou no projeto Bairro Educador. Costurou seus conhecimentos e decidiu encarar o mundo da Comunicação Social em 2015. Apaixonada por Antropologia e contextos sociais e culturais, iniciou seus trabalhos como Social Media em 2019. Aprendiz do mundo holístico e participante dos mistérios do planeta.

LAÍS DANTAS

Diretora, diretora de fotografia e montadora. Estudou Fotografia na EAV Parque Lage e Audiovisual com o coletivo Mate com Angu. É realizadora no Canal Plá, onde lançou em 2019 um média doc como diretora e diretora de fotografia, em parceria com José Alsanne, chamado NuFlow. Atuou em projetos voltados para mídia digital no Casseta e Planeta, Ibeu, Instituto Marielle Franco e ONG Criola. Como diretora já assinou projetos no Canal Brasil, Instagram, Porta dos Fundos e Quebrando o Tabu. Assinou a direção de fotografia do curta “A Mulher do Fim do Mundo”, dirigido por Geo Abreu, do mini-doc “Respeita Nosso Sagrado”, dirigido por Fernando Sousa e Gabriel Barbosa (Quiproco Filmes), e do clipe “Pacto”, da rapper Eufena.

LARYSSA RAMOS

É designer gráfico. Estudou Publicidade e Propaganda e, atualmente, cursa especialização em Designer Gráfico pela Miami ad School Brasil. Sua atuação se dá, principalmente, no terceiro setor, atuando nos dias atuais como Designer Pleno no Instituto Update. É sócia-fundadora do Estúdio Criativo Casa 4.

LUANDEH CHAGAS

Nascida e criada em Nova Iguaçu, atua na vida cultural da Baixada Fluminense desde 2016. Graduanda do Bacharelado em Produção Cultural pelo IFRJ - Campus Nilópolis. Produtora executiva e diretora de projetos audiovisuais. Possui também atuação em assistência de produção de eventos, gestão e elaboração de projetos. Atualmente tem trabalhos voltados para direção de curtas ficcionais e documentários. Co-diretora do curta universitário ficcional Francisca, lançado a partir do edital Elipse para Curtas Universitários no ano de 2018. Atuou como proponente e produtora da última edição do projeto Cineclube Buraco do Getúlio, contemplado no Edital Emergencial de Retomada Cultural da Lei Aldir Blanc.

LUCIANE BARBOSA

Pedagoga pela FEBF|UERJ e Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pelo PPGPACS - IM|UFRRJ. Membro do Icomos-Brasil, Secretária Executiva do Comitê Científico Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial do Icomos-Brasil. Atua desde 2008 na área da Memória e do Patrimônio Cultural com ênfase em políticas públicas para a salvaguarda do patrimônio cultural. Possui experiência em estratégias de mobilização e articulação (comunidades tradicionais, detentores do PCI e poder público) no desenvolvimento e acompanhamento de ações de identificação, inventário, registro, tombamento e planos de salvaguarda.

LUCAS FERREIRA / KURUMI

Artista visual, grafista e musicista. Começou a atuar em produção cultural através da escola de música Barracão, em Duque de Caxias. Trabalha com colagens digitais que expressam uma linguagem decolonial e, atualmente, é estagiário em produções audiovisuais da TvHitz.

MARCOS SERRA

Ator, diretor teatral, professor de Artes Cênicas nas redes municipal e estadual de Educação do Rio de Janeiro, bem como professor universitário atuando na pós-graduação do LEAFRO-UFRRJ (Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UFRRJ – campus Nova Iguaçu) e na pós-graduação em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Universidade Castelo Branco – campus Realengo|RJ). Formado em Artes Cênicas pela UNIRIO, sendo pesquisador de Iniciação Científica no Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA). Mestre e Doutor em Educação pela UERJ. Membro do grupo de pesquisa Kekéré (ProPEd/UERJ). No Teatro, iniciou sua carreira em Nova Iguaçu participando de diversos grupos teatrais. Atuou no Rio de Janeiro, na Colômbia (2008 e 2010), em Berlim (2016), em Fortaleza, entre outros.

MARIZE PARA RETÉ

Marize Guarani. Professora de História da rede municipal de Duque de Caxias. Doutoranda em Educação pela UFF. Presidente da Associação Indígena Aldeia Maracanã. Coordenadora do Instituto dos Saberes

dos Povos Originários - Aldeia Jacutinga e conselheira do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Rio de Janeiro.

MAZÉ MIXO

Com 15 anos de experiência como fotojornalista na Baixada Fluminense, Mazé Mixo está em transição para o audiovisual. Em 2019 se formou na primeira turma do curso de direção cinematográfica do Polo audiovisual Ponto Cine, onde estreou como roteirista e diretor de um curta de ficção ("Abeni", 2020).
Filmografia:
- Hundangbenã - o ninho da serpente (2014, documentário. Filme de um homem só)
- Lugar de Parir (2020, documentário. Direção, fotografia e montagem)
- Abeni (2020, curta ficção. Roteiro, direção, direção de fotografia e montagem)
- Sabotagem (2020, curta ficção. Assistência de fotografia)
- Marta (2020, curta ficção. Assistência de fotografia)
-@predioposto13 Meu nome é União (em produção. Direção de fotografia) 11

MONSEYRRÁ BATISTA

Artista indígena de ascendência Botokudos, nativo da Serra do Cipó, em Minas Gerais. Livre-pensador espiritualista, designer gráfico, artista plástico, caricaturista. Na área ambiental é consultor e guia de ecoturismo na Serra do Cipó. Atuou ao lado de Ailton Krenak na organização do Festival de Dança e Cultura Indígena Taru Andek, em 2002. Participou da criação do Parque Ecológico Lagoa do Nado e no projeto Arena da Cultura, em Belo Horizonte. Suas poesias, charges e poemas são publicados em antologias, sites e revistas especializadas no Brasil e em Portugal. Pesquisa e escreve sobre ancestralidade indígena e filosofia, além de participar do Movimento Indigenista em defesa dos direitos e demais causas indígenas. Em 2021, apresenta suas obras na Bienal Européia que acontece na Finlândia, pela AVA Galeria de Artes; no Espaço dos Correios do Rio de Janeiro; na Mbay de Embú das Artes|SP, e no Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias|RJ.

NIELSON ROSA BEZERRA

Doutor em História pela UFF; pós-doutor Banting Fellowship pela York University, Canadá. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias (PPGECC|UERJ). Diretor de Pesquisa do Museu Vivo do São Bento e coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão A Cor da Baixada.

PRISCILA BISPO

Jornalista com experiência em produção de rádio, assessoria de imprensa e divulgação de projetos (culturais, terceiro setor, entretenimento, moda alternativa e corporativos). Passagens por órgãos públicos, assessorias e agências de comunicação do Rio de Janeiro. Participou e|ou coordenou a assessoria de imprensa – já respondendo pela Trella – de projetos culturais, eventos e iniciativas empreendedoras como a Feira Crespa; o Afoxé Filhos de Gandhi-Rio; os documentários 'Nossos Mortos Têm Voz', 'Hundangbenan - O Ninho da Serpente' e

‘Armanda’; e das turnês da banda de choro franco-brasileira ‘Zé Boiadé’ no Brasil. Trella é uma empresa, por essência, jovem, dinâmica, versátil e empreendedora, atendendo no Rio e na Baixada Fluminense. Priscila também é idealizadora e diretora geral da websérie ‘Lugar de Parir’ e articuladora|realizadora no projeto Iniciativa Materna.

RAUL GUILHERME

Guitarrista da banda Uns e Outros e New Day Rising, vem se destacando no cenário independente com o selo Broken Bed Records. Atualmente é produtor residente do Estúdio Barracão.

RENATO RAXTA

Graduando em Filosofia pela UERJ. Estudou técnicas de sonorização pela IATEC e mixagem, masterização e produção na escola AFROREGGAE. Atuou como técnico de PA (public address) e monitoramento no estúdio Jam House durante 4 anos, assistente técnico no estúdio do Grupo Molejo e operador em diversas casas de show no Rio de Janeiro. Além disso, integra como vocalista a banda NDR Hard Core e é atuante na cena do Rap com projeto solo.

ROGER HITZ

Editor e diretor de cinema. É fundador do Canal de Youtube TV Hitz. Dirigiu os documentários independentes “O Concerto da Volta” e “Bareta - O Último Vaqueiro do Sertão de Belford Roxo”. Em 2020 realizou a direção e a montagem do documentário musical “Sons da Inconfidência” em parceria com a ALERJ. Em 2021 realizou a direção e a montagem do documentário “Bem Pra Cá do Fim do Mundo”, e no mesmo ano dirigiu e editou a web série musical “Terça do Compositor”, ambos financiados com recursos da Lei Aldir Blanc.

SILMARA

Uma Produtora Executiva que se descobriu na culinária ancestral sua vocação de alma, criou a familiar @Paopaobolobolo com o amor de sua vida e seus filhos.
Cria os catrings de forma individualizada e afetiva, sua especialidade os pães de fermentação natural.

THIAGO RIBEIRO

Professor de Geografia formado pela UERJ, pós-graduando em Educação e Tecnologia pela UFSCAR e Web-design autodidata, tendo atuado como freelancer na criação de aplicativos mobile e website, para instituições de diferentes segmentos, entre eles, do ramo da educação, cultura e jornalismo.

THIAGO VENTUROTTI

Artista gráfico e designer de atuação, publicitário “deformação”. Utiliza as referências da cultura urbana e popular como alimento para o pensamento crítico e criativo. Apaixonado por processos de impressão de baixo custo e impacto ambiental reduzido.

VICTOR BRUNO

Tem participação ativa na cena musical intergaláctica desde 2006, quando tocava contra-baixo na excêntrica banda "A Cidade de Duque de Caxias". Ao longo desses 15 anos sua musicalidade vem se expandindo e isso o levou a estudar saxofone tenor em projetos como a Escola Portátil de Música e com mentores como Glaucus Linx. Como saxofonista, participou de projetos com as bandas "Tree" e "Zé Bigode Orquestra". Em 2017 fundou o projeto Barracão que desenvolve diversas atividades em torno da Música. A partir do Barracão assina a trilha sonora de filmes como Cascudos, de Igor Barradas e BARETA, de Roger Hitz.

MINIBIOS CRIADORES DE OUTROS MUNDOS

ANA KARIRI

Professora e arte-educadora, pertencente ao povo Kariri – Paraíba. Atualmente trabalha no Museu do Índio e cursa licenciatura Intercultural Indígena pela Faculdade do Amapá. Integra o Conselho de Cultura de Duque de Caxias, é oficineira do Projeto Redes de Museus e integra o Coletivo Indígena Nacional Tuxáua. Recebeu o prêmio Arte em Movimento - MMMR (Movimento Mundial Mulheres Reais) sendo reconhecida pela luta na arte e na poesia de resistência indígena.

BABÁ ADAILTON MOREIRA D'OGUN

Coordenador do Projeto Alajô - Novos paradigmas para uma sociedade sem racismo e violência. Membro da RENAFRO-RJ. Doutorando em Bioética pelo PPGBIOS - UFRJ. Mestre em Educação pela UERJ, tendo defendido em 2018 a dissertação "Infância nas Redes Educativas de Iemanjá no Ilê Omiojuarô". Recebeu a medalha de Mérito Pedro Ernesto da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, das mãos da vereadora Marielle Franco, em 2017. Em 2018 recebeu o Prêmio Culturas Populares do MINC - Edição Leandro Gomes de Barros, in memoriam de sua mãe biológica, Mãe Beata de Iemanjá. Segue mantendo o legado de Mãe Beata à frente do espaço sagrado, a Comunidade de Terreiro Ilê Omiojuarô, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense.

CACIQUE CARLOS TUKANO

Presidente do Conselho Estadual de Direitos Indígenas – CEDIND. Membro e fundador da Associação Indígena Aldeia Maracanã – AIAM | RJ. Luta há quatro décadas pelas causas indígenas. Da etnia Tukano | AM, hoje reside em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

ELE SEMOG

Poeta e contista, secretário executivo do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Mestre em História Comparada pela UFRJ|PPGHC. Suas principais obras são: "Curetagem", Poemas, Ed. do autor - 1987; "A Cor da Demanda", Poemas, Ed. Letra Capital, 1997 e Ed. Malê, 2018 - 2ª ed.; "Tudo que Está Solto", Poemas, Ed. Letra Capital- 2010; "Guarda pra Mim", Poemas, Ed. Letra Capital, 2015; "A Galinha Garnisé e outros Eusébios de Queirós: Racismo na Sociabilidade Brasileira", artigos - Ed. Letra Capital - 2020.

GUARACIARA DIAS

Indígena autodeclarada e moradora de Nova Iguaçu. Cursa licenciatura em Educação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem contribuído na implementação da Lei 11.645/08 em escolas municipais de Seropédica e pesquisado processos de autoafirmação de indígenas urbanos no estado do Rio de Janeiro.

YÁ DOYA MOREIRA

Doya Moreira é Iyá Kékeré (pronuncia-se kekerê) do Ile Omiojuarô. Filha biológica de Mãe Beata de Yemanjá, Doya é artesã, educadora social e cozinheira. Participou, como formadora de Educadores, do projeto A Cor da Cultura, do Canal Futura e do programa "Um pé de quê?", de Regina Casé, pelo mesmo canal, apresentando a culinária afro-brasileira dos terreiros de Candomblé.

ÌYÁ MARLI ÒGÚN MÉJÌRE AZEVEDO

Ìyálòrìsá do Território Ancestrálico Egbé Odé: Centro Cultural Rouxinol, em Guapimirim, Baixada Fluminense. Graduada em Serviço Social, especializada em Formulação e Gestão de Políticas Públicas e técnica em Assuntos Educacionais do Colégio Pedro II. É militante do Movimento Negro Unificado e mestranda de Filosofias Africanas no IFCS|UFRJ. Pesquisadora do Laboratório Ousia da UFRJ e do Geru-Mãa. Co-coordenadora do projeto de extensão Rodas de Filosofia e Transculturalismo: uma filosofia de negociação da UFRJ.

JESSICA CASTRO

Mulher, mãe negra e da Baixada Fluminense. A pedagoga e arte-educadora aciona o seu fazer pelo gestual das matrizes afro-indígenas, nas pautas anti-racista, Lgbtqia+ e em 'escrevivências' pedagógicas a favor de nossas integridades subjetivas e coletivas.

MAM'ETU ITAMARA

Assistente Social, mestranda no programa EICOS|UFRJ e iniciada há 27 anos como Mam'etu de Inkice no Candomblé de Angola e através dos saberes de sua avó, Sílvia de Oxalá. Rezadeira desde os 13 anos de idade.

MAM'ETU MABEJI

Floripes Correia da Silva Gomes, mais conhecida como Mameto Mabeji, nasceu em 1947, na Bahia e veio para o Rio de Janeiro com 10 anos de idade para iniciar-se no Candomblé. Feita em 1947, é a sucessora de João Lessengue, seu tio, no comando do Terreiro Bate Folha do Rio de Janeiro. Mam'etu Mabeji assumiu o Bate Folha em 1972 e o comanda até os dias atuais.

MESTRE PAULÃO KIKONGO

Criador da Rádio Capoeira, da Universidade da Capoeira e do Guia da Capoeira. Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela UFRRJ; Especialista em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela UFG; Pesquisador do Grupo de Estudos Patrimônio e Cultura Afro-Brasileira pelo CNPQ (GEPCAfro) e do LEAFRO (Laboratório de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas) da UFRRJ. É bacharel em Direito pela Universidade Cândido Mendes; Membro do Grupo de Trabalho da Salvaguarda da Capoeira no Rio de Janeiro - GT/IPHAN, membro do Icomos-Brasil, membro do Conselho Editorial da Revista Aú e da Revista Íbamò. 8

OBALERA

Homem negro de Candomblé. Cientista social pela PUC-RIO e mestrando em Filosofia pela UFRRJ. Pesquisador-ativista na área de relações raciais. Como escritor e poeta desenvolve trabalhos autorais sobre racismo religioso e que também buscam afirmar e difundir os valores político-filosóficos e a beleza das religiões de matriz africana. É colunista da Revista Kobá e da comunidade Ataré Palavra Terapia. Em 2019, publicou o ebook "Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso", publicado pela Fundação Heinrich Böll. É educador popular e brincante da Companhia de Aruanda.

OGAN BANGBALA

Nascido em Salvador, Bahia, no ano de 1919. Com apenas 14 anos se iniciou no cargo de Ogan. Luiz ngelo da Silva, o Ogan Bangbala, é reverenciado como a história viva do Candomblé por ser o Ogan, vivo, mais antigo do Brasil. É também artesão e confecciona diversos instrumentos musicais percussivos. De forma oral, transmite sua cultura e suas memórias através de sua religiosidade, além de possuir uma das mais belas vozes que disseminam as cantigas de Candomblé. Coleciona inúmeras homenagens, por isso está em livros, reportagens, CDs, filmes, além de ter recebido, em 2014, do Ministério da Cultura, o título de Comendador, a Ordem do Mérito Cultural, honraria dedicada a personagens que se destacam em suas áreas de atuação a nível nacional e internacional.

PACARI PATAXÓ

De ascendência Pataxó, é da Aldeia Mãe de Barra Velha, Bahia. Artesão, artista visual e ativista da cultura indígena atua como multiplicador em escolas e projetos socio-culturais divulgando os costumes, os hábitos e os valores dos povos originários. Produz e executa atividades lúdicas e educativas para crianças, adolescentes e adultos.

SILENE RIBEIRO

Professora da rede pública estadual do Rio de Janeiro. É historiadora, formada pela UERJ, com ênfase em História das Populações Indígenas e do Indigenismo no Brasil. Pesquisadora sobre as populações indígenas no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. Mestre em História pela UFF. Doutora em História pela UFRRJ. Publicou os livros “A Maçã Mordida”, em 2012, e “Índios, Guerreiros e Úteis Povoados: Um estudo sobre a Aldeia de São Pedro de Cabo Frio (Séc XVII-XVIII)”, em 2015.

TABAJARA

Tabajara da etnia da mãe e Tapeba de ascendência do pai. É do Ceará e chegou ao Rio de Janeiro aos 20 anos. Maratonista de 74 anos, professor de Educação Física que ama esportes. Ativista na luta para conservar hábitos, costumes, tradições e culturas indígenas. Participou das Olimpíadas Indígenas em Palmas|TO e integra a Aldeia Maracanã desde 2006.

TON RODRIGUES

Nasceu em Macapá|AP. É ator, cantor, compositor e cozinheiro da floresta.

FICHA TÉCNICA TERRITÓRIO BAIXADA 2021

Curadoria
Luciane Barbosa
Marcos Serra
Marize Para Reté

Pesquisa
Dani Francisco
Luciane Barbosa
Marcos Serra
Marize Para Reté

Produção
Dani Francisco
Fabio de Souza
Luandeh Chagas

Artistas Convidados
Ana Kariri
Monsyerrá Batista

Projeto Cenográfico
Ana Kariri
Jon Thomaz

Desenho de Luz
Jon Thomaz || Artefato Luminosos

Comunicação Virtual
Kariny Costah || Desperto Digital

Site
Thiago Ribeiro || Aguassu

Produção Audiovisual
Lais Dantas || Casa Quatro Estúdio

Stream
Laryssa Ramos || Casa Quatro Estúdio

Captação de Áudio
Raul Dias || Barracão
Renato Raxta || Barracão

Edição, Mixagem, Masterização
Raul Dias || Barracão

Trilha Sonora
Raul Dias || Barracão
Victor Bruno || Barracão

Desenho Gráfico
Thiago Venturotti
Assessoria e Coordenação de Comunicação
Priscila Bispo || Trella Comunicação

Fotografia
Ana Valéria Gonçalves || Trella Comunicação
Mazé Mixo || Trella Comunicação

Operador de Câmera
Herbert Cardoso

Produção Audiovisual para Redes Sociais
Roger Hitz || TV Hitz

Grafismo para Redes Sociais
Lucas Ferreira || TV Hitz

Realização
Terreiro de Ideias: Arte, Comunicação, Cultura

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO